

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS**

**Samora N'zinga Soares Cardoso**

**CONFLITOS E PERCEPÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NA SERRA  
DO CIPÓ: OS BICHOS E AS PESSOAS EM MEIO AO PARQUE  
NACIONAL**

Belo Horizonte

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
CINCIAS SOCIOAMBIENTAIS

Samora N'zinga Soares Cardoso

CONFLITOS E PERCEPÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NA SERRA DO CIPÓ: OS  
BICHOS E AS PESSOAS EM MEIO AO PARQUE NACIONAL

Monografia apresentada ao curso de graduação em Ciências Socioambientais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Socioambientais.

Área de habilitação: Ciências Socioambientais

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Beatriz Vianna Mendes

Belo Horizonte

2017

## **Agradecimentos**

Dedico esta obra, bem como todas as minhas demais conquistas, a minha mãe, Marta Soares, a mulher mais incrível deste mundo.

Agradeço aos queridos moradores da Serra do Cipó que compartilharam seu tempo e sabedoria conosco, em especial à D. Rosa dos Cavalos (*in memoriam*), por seus ensinamentos, carisma e atenção.

Agradeço à professora Ana Beatriz Vianna Mendes, coordenadora do Projeto Cipó e orientadora de pesquisa que sempre me auxiliou e mostrou novos caminhos.

Agradeço a equipe do Projeto Cipó pelo apoio, compromisso e dedicação.

Agradeço também ao Leo que me motivou a continuar escrevendo, me emprestou seus livros e compartilhou sua sabedoria.

Agradeço a UFMG por todas as oportunidades e espero que mesmo em tempos malignos se mantenha firme na luta contra os retrocessos e lute por uma ciência autônoma, inclusiva e democrática.

Meus agradecimentos aos amigos e amigas, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade, que fizeram parte da minha formação e vão continuar presentes em minha vida com certeza.

**Resumo:** O Parque Nacional da Serra do Cipó (PARNA Cipó) é uma unidade de conservação que está localizada na Serra do Espinhaço, no estado de Minas Gerais. A área faz parte da Bacia Hidrográfica do Rio Doce e está inserido no bioma Mata Atlântica, na faixa de transição com o Cerrado (ICMBio, 2009) É uma região de riquíssima biodiversidade e de beleza indiscutível. Apesar da importância do PARNA Cipó no âmbito da política nacional de conservação ambiental, a demarcação das fronteiras do parque ocorreu através de um processo conflituoso de retirada de agricultores de suas terras. Ao longo da pesquisa qualitativa feita pelo Projeto Cipó da UFMG, percebemos que estes agricultores possuem outros olhares sobre a Unidade de Conservação e o ambiente que ela visa proteger. O presente trabalho confronta algumas destas perspectivas de forma interdisciplinar com um enfoque na visão das antigas comunidades do Retiro e Bandeirinhas e nos conhecimentos sobre a mastofauna da Serra do Cipó e sua dinâmica ecológica. Como metodologia, foi adotada análise das entrevistas semi-estruturadas aplicadas pelo *Projeto Cipó*, observação participante, análise documental, pesquisa bibliográfica e a caminhada etoecológica. Analisando a fala dos comunitários, há certa coesão no que diz respeito aos conflitos agrários e a violência sofrida por algumas pessoas durante o processo de criação do parque; aos impactos na tradição rural/camponesa e às mudanças no meio ambiente da região ao longo dos anos, onde a maioria das pessoas entrevistadas traz a informação de que “depois do parque os bichos sumiram”; a monografia confronta essa última perspectiva com a visão do órgão ambiental presente no Plano de Manejo do PARNA Cipó, e notam-se algumas similaridades e algumas assimetrias.

Palavras-chave: “Serra do Cipó”; “Etnoecologia”; “Mamíferos”; “Áreas Protegidas”;

**Abstract:** The Serra do Cipó National Park (PARNA Cipó) is a conservation unit located in Serra do Espinhaço, in the state of Minas Gerais. The area is part of Rio Doce's hydrographic basin and is inserted in the Atlantic Forest, in the transition range with Cerrado (ICMBio, 2009). It is a region rich in biodiversity and undeniable beauty. Despite the importance of PARNA Cipó under the national environmental conservation policy, the park's border demarcation occurred through a conflictual process of farmers withdrawal from their land. Throughout the qualitative research done by *Projeto Cipó* UFMG, we realized that these farmers have other views about the Conservation Unit and the environment that it aims to protect. This paper confronts some of these perspectives in an interdisciplinary manner with focus on the ancient communities' view about Retiro and Bandeirinhas and knowledge about the mammals of Serra do Cipó and its ecological dynamics. As a methodology, we adopted the analysis of the semi-structured interviews applied by the *Projeto Cipó*, participant observation, documentary analysis, bibliographical research and the ethnoecological walk. Analyzing the communities speech, there is some cohesion regarding the agrarian conflicts and the violence suffered by some people during the park's process of creation; the impacts on the rural / peasant tradition and the region's environment changes over the years, where most of the interviewed people bring the information that "after the park the animals are gone"; the thesis confronts this last perspective with the vision of the environmental organ present in the Management Plan of PARNA Cipó, and there are some similarities and some asymmetries.

Key Words: "Serra do Cipó"; "Ethnoecology"; "Mammals"; "Protected Areas"

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Mapa: Limites do Parque Nacional da Serra do Cipó
- Figura 2 – Fotografia: Casa do Zé Levi (Retiro)
- Figura 3 – Fotografia: Casa do Peixe (Retiro)
- Figura 4 – Fotografia: Casa da Fatinha (Retiro)
- Figura 5 – Fotografia: Serra das Bandeirinhas
- Figura 6 – Mapa: Zoneamento nos Vales do Mascates e do Bocaina
- Figura 7 – Mapa: ZEE MG - Prioridade de Conservação da Fauna
- Figura 8 – Mapa: ZEE MG - Prioridade de Conservação da Mastofauna
- Figura 9 – Fotografias: Exemplos de Mamíferos da Serra do Cipó
- Figura 10 – Perfil de Elevação da Serra do Cipó
- Figura 11 – Mapa: Reconstrução da rota da Travessia partir de satélites

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ordens por número de espécies de mamíferos nos parques nacionais das Emas, Canastra e Cipó.

Tabela 2 - Lista de espécies da classe *Mammalia* registradas no PARNA Cipó pelo Plano de Manejo, listadas por ordem, família e status de ameaça.

## LISTA DE SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental

APP – Área de Preservação Permanente

AMPASC - Associação dos Municípios do Circuito Turístico Parque Nacional da Serra do Cipó

BIRD - Banco Internacional de Desenvolvimento

BM – Banco Mundial

CBMMG – Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais  
FAFICH – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
GESTA – Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais da FAFICH - UFMG.  
IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis  
IBDF – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal  
ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade  
IGC – Instituto de Geociências da UFMG  
IUCN - International Union for Conservation of Nature  
MG – Minas Gerais  
MinTur – Ministério do Turismo  
MMA – Ministério do Meio Ambiente  
MPF – Ministério Público Federal  
PARNA – Parque Nacional  
PEML – Parque Estadual Mata do Limoeiro  
PNSCi – PARNA Cipó – Parque Nacional da Serra do Cipó  
Projeto Cipó – Projeto de Extensão: “Construindo histórias locais, pensando questões globais: as comunidades tradicionais atingidas pelo Parque Nacional da Serra do Cipó/MG”, ligado aos grupos de pesquisa Cidade Alteridade e GESTA/FAFICH da UFMG.  
PMMG – Polícia Militar de Minas Gerais  
SISBIO - Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade  
SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação  
UC – Unidade de Conservação  
UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais  
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.  
ZEE – Zoneamento Ecológico Econômico

## SUMÁRIO

Capítulo 1 – Introdução	9
Capítulo 2 – Porque povos “tradicionais”?	10
Capítulo 3 – O Histórico de Ocupação na Serra do Cipó	12
Capítulo 4 – O Parque Nacional da Serra do Cipó	16
Capítulo 5 – Os “bichos” da Serra do Cipó	24
Capítulo 6 – Conhecendo as Pessoas: Conversas, Entrevistas, Metodologias e Pesquisas de Campo	32
Capítulo 7 – A Travessia	45
Capítulo 8 – Controvérsias: A “visão” das Comunidades Inseridas no Plano de Manejo	48
Capítulo 9 – Considerações Finais	50
Referências Bibliográficas	53
Anexo I – Roteiro das Entrevistas do <i>Projeto Cipó</i>	59

## **1 - Introdução:**

O presente trabalho é fruto das atividades de ensino, pesquisa e extensão, desenvolvidas pelo *Projeto Cipó*, núcleo de pesquisa vinculado ao Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG (GESTA/FAFICH) e ao Programa Cidade Alteridade, sediado na Faculdade de Direito da UFMG. O foco do trabalho são as comunidades rurais que viviam na região onde foi implantado o Parque Nacional da Serra do Cipó (PARNA Cipó), em 1987. O projeto é financiado pela FAPEMIG e o autor deste trabalho é bolsista Pronoturno vinculado ao projeto.

O trabalho congrega diferentes perspectivas, de domínios disciplinares distintos, com o objetivo de confrontar discursos e abordagens de diferentes atores sociais acerca da conservação ambiental na Serra do Cipó, tendo como enfoque e eixo norteador a conservação da mastofauna e a relação das comunidades rurais afetadas pela criação do PARNA Cipó com o território em que viviam ou ainda vivem, em específico as regiões do Retiro e Bandeirinhas.

Existiram e existem vários territórios que eram ocupados naquela região da Serra do Cipó, cada um deles possui uma importância que não pode ser medida na vida de cada sujeito e cujo conhecimento é um dos objetivos do Projeto Cipó como um todo. A escolha de trabalhar especificamente com Retiro e Bandeirinhas se deu pela construção da rede de informantes construída ao longo da pesquisa, a maioria dos quais teve alguma relação com os locais mencionados. Assim como Ronaldo Lobão (2006), esta pequena parte da pesquisa redigida em formato de monografia, não objetiva encontrar a “verdade dos fatos”, apenas encontrar a coerência entre a observação e a interpretação. Além de contextualizar a realidade da Serra do Cipó de forma holística, descrevendo o território a partir do diálogo entre diferentes perspectivas: histórica, geográfica, ecológica, política, econômica e social, com base na literatura, nos dados levantados através da pesquisa de campo na análise do material coletado pelo Projeto Cipó desde 2014, observação participante, análise documental e caminhada etnoecológica.

Os dados de pesquisa do *Projeto Cipó* se constituem em grande parte por entrevistas semi-estruturadas que abarcam uma série de questões: cultura, sociabilidade, infraestrutura, meio ambiente, etc. E foram feitas a partir da observação participante e da criação de laços com os comunitários, que contribuíram para localizar outros moradores e ex-moradores afetados pelo PARNA Cipó. Estas pessoas foram identificadas a partir da amostragem em “bola de neve” (do inglês: “*snowball sampling*”).

“Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o ‘ponto de saturação’). O ‘ponto de saturação’ é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa” (BALDIN; MUNHOZ, 2011 p. 332);

Em outras palavras, é estabelecida uma teia de conexões onde cada informante age como ponto de ligação para acessar outro informante, e assim sucessivamente. O Projeto Cipó possui um banco de dados que contém documentos, transcrições, gravações, registros fotográficos e audiovisuais.

## **2 - Porque povos “tradicionais”?**

Na antropologia, grupos étnicos ou tradicionais são identificados pelas formas de organização social em populações cujos membros se identificam e são identificados como tais pelos outros, constituindo uma categoria distinta de outras categorias da mesma ordem (Barth, 1969 *apud*. CUNHA, 1986). A cultura, em vez de ser um pressuposto de um grupo étnico é, de certa maneira, produto deste, ela se recria a todo o momento, através do tempo e do contato com o “outro”. O foco de pesquisa passa a centrar-se nas fronteiras sociais do grupo e não mais na cultura que essas fronteiras encerram (CUNHA, 1986).

Portanto, o conceito de povos tradicionais é tanto empírico quanto político e essas dimensões intrínsecas uma à outra são necessárias para as “reivindicações territoriais dos grupos fundiariamente diferenciados frente ao Estado Brasileiro” (LITTLE, 2002, p.23). Paul Little define territorialidade como “o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu ‘território’” (LITTLE, 2002, p.3) O conhecimento sobre as dinâmicas climáticas, sobre as dinâmicas da terra, propriedades curativas das plantas e ciclo de vida dos animais de um determinado ambiente são exemplos de formas uso do ambiente biofísico; o apego com a terra, as memórias e histórias e o valor simbólico que esses elementos carregam são exemplos de identificação com o território; a tentativa de retorno, o esforço para se manter no ambiente frente a fortes imposições externas, e a resistência em abandonar o território são exemplos do esforço para ocupação do território.

Os agricultores denominados aqui como tradicionais são aqueles e aquelas cuja expressão e o contato demonstram uma relação não cartesiana com o ambiente em questão, e diferem da sociedade urbana/moderna/ocidental no que diz respeito aos objetivos de suas atividades econômicas (agricultura, criação de animais, etc.), “às experiências de sociabilidade e à forma de sua inserção na sociedade global” (WANDERLEY, 1996. N. A.). A pesquisa qualitativa do *Projeto Cipó* indica que as comunidades rurais oriundas da Serra do Cipó possuem os elementos necessários para serem incluídas na definição eclética de tradicionalidade.

Victor Manuel Toledo, em seu artigo “A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais” discute os “meios intelectuais” pelos quais os produtores rurais se apropriam da natureza à sua volta para conduzir seu modo de vida, e como os grupos e indivíduos “concebem e conceituam os recursos, paisagens ou ecossistemas dos quais dependem para subsistir” através da *práxis* e da oralidade (TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A. 2009. p. 35). Tendo em vista importância da transmissão oral dos saberes para estes grupos, Toledo conclui que “a memória é (...) o recurso mais importante da vida desses povos” (TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A, 2009. p.

35), e que essa sabedoria milenar, encontra-se em risco pelo avanço implacável das técnicas modernas de apropriação da natureza que têm como consequência (ou externalidade) a destruição desta mesma natureza e das epistemes não alinhadas ao paradigma da modernidade<sup>1</sup>.

O que ocorre no Brasil<sup>2</sup> entre as Unidades de Conservação e as Populações Tradicionais é a sobreposição de duas tutelas por parte do Estado: a proteção da biodiversidade e a garantia de direitos reconhecidos a diferentes grupos, povos e/ou populações formadoras da sociedade nacional; promovendo uma diástase entre o meio ambiente (patrimônio natural) e as pessoas que nele vivem (patrimônio cultural material e imaterial). Para Mendes, essa questão ressalta a complexa, porém necessária, tarefa de se conciliar conservação ambiental e presença humana em um mesmo espaço geográfico (MENDES, 2011).

### **3 - O Histórico de Ocupações na Serra do Cipó/MG**

A colonização europeia portuguesa na Serra do Cipó ocorreu através do massacre, da violência e da expulsão de povos indígenas do tronco linguístico macro-jê (pejorativamente conhecidos como “Índios Botocudos”) numa guerra contra os povos Krenak declarada por D. João VI (GONTIJO, 2003), e da violência e exploração de mão de obra negra escravizada de origem Bantu (etnia e tronco linguístico que ocupava a região hoje conhecida como Nigéria, Congo, Moçambique e Angola) cujo trabalho sustentou a mineração e a produção agrícola na região (RODRIGUES, 2010). Os bandeirantes, como assim ficaram conhecidos, em suas investidas para o interior do continente, demarcavam com bandeiras a distância percorrida a cavalo em um dia,

---

<sup>1</sup> O conceito de modernidade utilizado neste trabalho é o conceito apresentado por Anthony Giddens (2002) que trata a modernidade como um período “pós-tradicional” marcado por elementos como a industrialização, a crise ambiental, a hegemonia do discurso científico, a racionalização das relações humanas, dentre diversas outras questões estudadas por filósofos e sociólogos.

<sup>2</sup> Não é um fenômeno exclusivo do Brasil. Segundo Diegues (2001), sobretudo nos países tropicais há uma coincidência entre áreas ocupadas por populações tradicionais, num conceito amplo do termo, e áreas elencadas como prioritárias para conservação ambiental.

geralmente entre 10 e 12 quilômetros. Essas bandeiras hoje correspondem às vilas, distritos e municípios mais antigos de Minas Gerais (IPHAN, 2011).

A produção agrícola e a pecuária que surgiu ao redor das “bandeiras”, foi o sustentáculo da colonização brasileira, pois além de produzir alimentos e criar uma tímida economia, serviam como postos de descanso e marcos das rotas exploratórias e comerciais que se intensificaram ao longo dos anos e permitiram o desenvolvimento do ciclo de exploração minerária e o povoamento da região das Minas Gerais, intensificados nos séculos XVII e XVIII (IPHAN, 2011).

As fazendas, espalhadas pela região da Serra do Cipó, não só abasteciam as áreas mineradoras, mas também se tornaram uma solução econômica após o declínio da mineração. Ao final do século XIX, a região da Serra do Cipó estava em situação de isolamento geográfico e estagnação econômica, principalmente em sua vertente Oeste. A partir da construção da rodovia MG-10 nos anos 1920, essa situação foi revertida. Até as primeiras décadas do século XX, a ligação entre as vertentes Leste e Oeste da Serra era percorrida pelos tropeiros e mercadores regionais que utilizavam as trilhas montados a cavalo, possibilitando a troca de informações, mensagens, mercadorias, capital, animais e força de trabalho (SANCHO, p.147). Os traços culturais “tropeiros” permanecem até hoje nas comunidades de ambas as vertentes da Serra do Cipó, onde nota-se que pessoas de algumas famílias mais antigas possuem uma relação muito forte com a equinocultura. (Observação feita em pesquisa de campo na Serra dos Alves, de 17 a 19 de Junho de 2016).

O Livro *Memórias de um Recenseador*, de José Carlindo Sousa Ferreira<sup>3</sup> (falecido em 1999), narra algumas de suas experiências e vivências nas três décadas em que atuou como agente censitário na região da Serra do Cipó. O livro é uma descrição em primeira pessoa que contém informações históricas

---

<sup>3</sup> José Carlindo Sousa Ferreira era poeta e trabalhou como recenseador pelo IBGE nos censos de 1950, 1960 e 1970. Faleceu em 1999 deixando para trás um registro escrito que só foi publicado em 2006. É referenciado no trabalho como (FERREIRA, 1999).

Raoni Araujo Ferreira é mestre em Geografia pelo IGC – UFMG e escreveu a tese: Serra do Cipó e seus “Vetores de Penetração Turística – Um olhar sobre as transformações socioambientais”, ele é referenciado no trabalho como (FERREIRA, 2010).

sobre a organização social, contexto político e uma descrição das paisagens culturais e ambientais da região nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

José Carlindo cita, por exemplo, a existência de grupos de caçadores na região e a prática de caça de retaliação por parte de alguns fazendeiros que matavam onças, dentre outros animais carnívoros que atacavam os animais domésticos/criações destes fazendeiros (FERREIRA, 1999, pg. 31, 35 e 99). José também menciona a existência de raças crioulas de gado, adaptados à geografia do Espinhaço (p. 65); diz que a escolha de alguns dos nomes das localidades se devia às condições biogeográficas e à abundância de certas espécies no ambiente, como o caso do Capão dos Porcos \_batizado pela abundância de porcos-do-mato (pg. 29); aborda o uso frequente das *benzeções*, chás e plantas medicinais (conhecidas como remédios do mato) (pg. 67); descreve algumas condições climáticas e variação brusca de pluviosidade (pg.94); menciona a existência da ocorrência de fogo natural na Serra do Breu (pg.80); cita a presença de índios da tribo Goianá na região (pg.27); comenta sobre a mineração de mármore nas pedreiras (pg. 70); sobre a presença e atuação violenta da Polícia Militar durante o regime ditatorial brasileiro (pg. 37, 38 e 39) e fecha o capítulo dizendo de sua boa relação com a natureza e sua preocupação com a conservação ambiental, pois segundo ele, “o homem estava destruindo tudo” (FERREIRA, 1999, pg. 69 e 81). Muitos relatos apresentados no livro sobre o contexto cultural e ambiental da Serra do Cipó e das demais regiões do entorno, coincidem com o material coletado através da pesquisa qualitativa do *Projeto Cipó*.

Nas décadas de 1960 e 1970 as atividades turísticas facilitadas pelas estradas asfaltadas se intensificaram na Serra do Cipó. Ferreira (2010) relata o surgimento das primeiras casas de veraneio construídas para atender e alojar turistas atraídos pelas cachoeiras e belezas naturais da região. Nesse período é também identificado na região um crescente número de professores e pesquisadores oriundos principalmente de São Paulo e Belo Horizonte, cujas pesquisas evidenciavam a relevância faunística, geológica e da flora, bem como a importância de políticas para “proteger esse patrimônio biodiverso”

(Ferreira, 2010). Essas pesquisas científicas subsidiaram, mais tarde, a criação de um parque na Serra do Cipó.

Durante o período da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), principalmente na região amazônica, houve a criação de várias Áreas Protegidas, muitas delas motivadas por pressões internacionais do Banco Mundial (BM) e do Banco Internacional de Desenvolvimento (BIRD). Segundo Abakerli (2001), a motivação para criação destas áreas era a ideologia desenvolvimentista de integração e de segurança do território nacional. Esse contexto ilustra como interesses que não necessariamente objetivam a conservação da biodiversidade ou a proteção de territórios indígenas/culturalmente diferenciados, são capazes de impor sua racionalidade no âmbito da criação de parques e demais unidades de conservação. Coincidentemente ou não, o PARNA Cipó foi criado nessa época, na forma de Parque Estadual em 1975 e elevado a Parque Nacional em 1984.

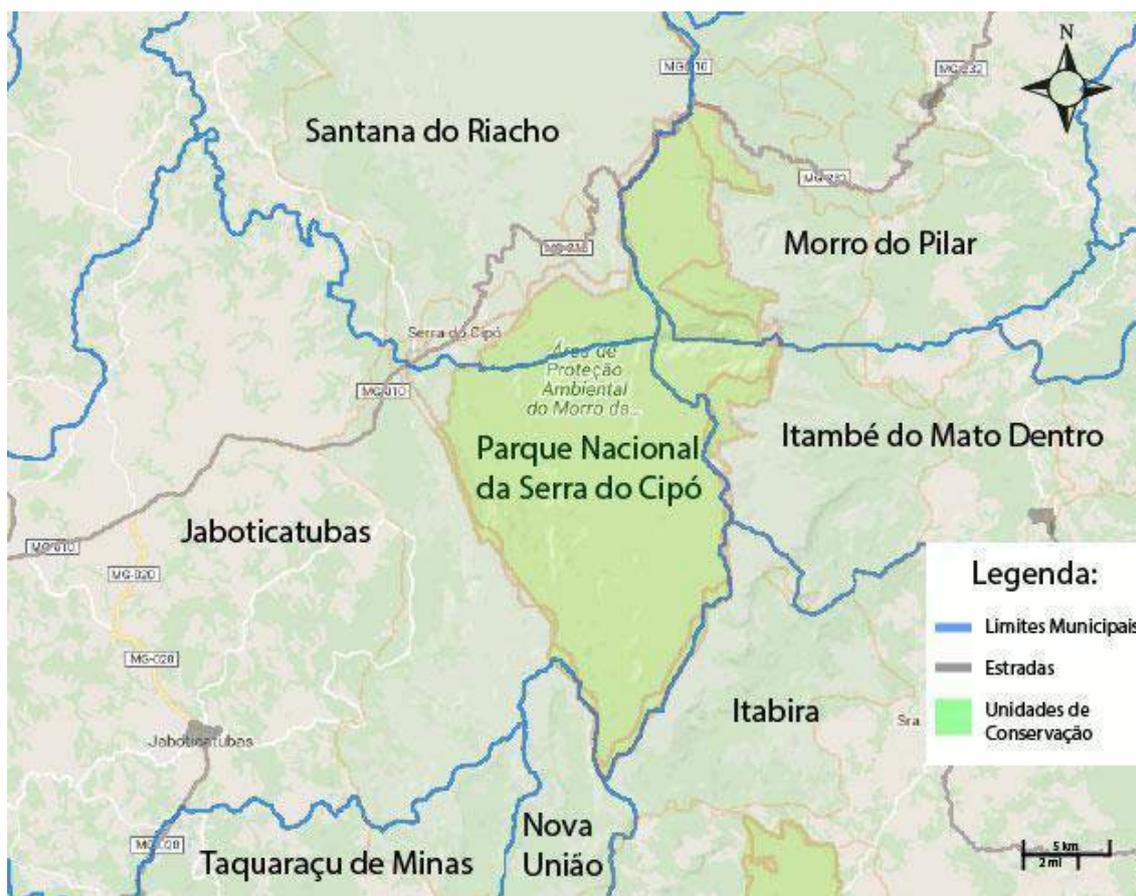
#### **4 - O Parque Nacional da Serra do Cipó**

O Parque Nacional da Serra do Cipó (PARNA Cipó) é uma unidade de conservação que está localizada na Serra do Espinhaço, no estado de Minas Gerais, ocupando a área de sete municípios: Taquaraçu de Minas, Itabira, Santana do Riacho, Nova União, Morro do Pilar, Jaboticatubas, Itambé do Mato Dentro. (Figura 1). A área faz parte da Bacia Hidrográfica do Rio Doce e está inserida no bioma Mata Atlântica, na faixa de transição com o Cerrado (ICMBio, 2009). Em 2005, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO incluiu a porção sul da Serra do Espinhaço no conjunto de Reservas da Biosfera (IPHAN, 2011). As Reservas da Biosfera são parte do programa da UNESCO *Man and the Biosphere*, que visa estabelecer bases científicas para melhorar a relação entre comunidades humanas e seus ambientes (UNESCO, 2014).

A Serra do Cipó possui dois vetores de penetração turística principais. Um, pelo lado oeste, através da Rodovia MG-10 no Distrito da Serra do Cipó

(pertencente a Santana do Riacho); e outro, pelo lado leste, através dos distritos de Serra dos Alves (Itabira) e Cabeça de Boi (Itambé do Mato Dentro).

O Parque foi criado em 1975, no âmbito do Governo do Estado de Minas Gerais, como Parque Estadual da Serra do Cipó. Segundo Raoni Ferreira (2010), o parque foi criado sob a iniciativa de cientistas e pesquisadores da época, porém, por falta de estrutura para geri-lo, em 1978 o parque passou a ser administrado pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) que, segundo os relatos de antigos moradores da região, delimitou as fronteiras do território num processo conflituoso e autoritário de desapropriações, envolvendo grilagens e violência institucional para com os antigos residentes das regiões anexadas ao parque. (MENDES *et al.*, 2015)



(Figura 1: Mapa: PARNA Cipó e os Limites Municipais - extraído e adaptado do Sistema de Informações Geográficas do ZEE-MG)

É válido ressaltar que o IBDF foi uma autarquia criada em 1967, ano do enrijecimento do regime ditatorial no Brasil. Ele era veiculado ao Ministério da Agricultura e possuía uma comissão consultiva e normativa com representantes do Ministério da Agricultura, Ministério da Indústria e do Comércio, Ministério do Planejamento, do Setor da Administração encarregado da Coordenação dos Organismos Regionais, do Estado-Maior das Forças Armadas, do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, do Banco do Brasil, da Confederação Nacional da Agricultura e da Confederação Nacional da Indústria (BRASIL, Decreto-Lei 269/1967). O arranjo institucional normativo do IBDF deixa claro o caráter desenvolvimentista desse órgão e sua orientação político-ideológica, característica da Ditadura Militar Brasileira, na medida em que o meio ambiente (e as pessoas que fazem parte dele) nem sequer eram compreendidos como alvo de conservação/preservação, e sim como reservas de recursos naturais (Abakerli, 2001). As populações residentes eram enquadradas como obstáculos ao desenvolvimento nacional, a participação da sociedade civil era inexistente e a aplicação de suas políticas era feita pela Polícia Militar (GESTA, 2014).

O caso de conflito fundiário envolvendo o PARNA Cipó e as pessoas removidas de suas terras está registrado e disponibilizada em formato de Ficha Técnica do Observatório dos Conflitos Ambientais de Minas Gerais, desenvolvido pelo GESTA, onde foram extraídos os seguintes depoimentos:

“eles chegaram e fizeram o que eles quiseram. Entrou com a força da Polícia, juntou os trem tudo, chegaram armados até falar que chega. Teve jeito não” (Relato de morador colhido em 19/01/2014 por pesquisadores do Projeto Cipó).

Também houve casos de famílias expulsas de suas casas, e sendo obrigadas a abandonar suas roupas, objetos, móveis e demais pertences:

“Teve muitos problemas, como já é normal de ter num caso desses. Muitas famílias foram retiradas das casas sem poderem retirar nem os móveis, panelas, nada... Saíram só com a roupa do corpo, levando as crianças” (Relato

de moradora colhido em 27/02/2014 durante reunião na Defensoria Pública da União por pesquisadores do Projeto Cipó).

Atualmente, a única área do parque onde a ocupação humana ainda permanece é o Retiro. O Retiro está localizado na porção ocidental da Serra, com ocorrência de cerrados e altitude média de 800m. Já a Serra das Bandeirinhas está localizada nas partes mais altas, com predominância de campos rupestres, e altitude média de 1400m (ICMBio, 2009). Na Figura 10 é possível ver o perfil de elevação do trajeto do Retiro até os Currais, passando pela Serra das Bandeirinhas e pelo topo da Cachoeira da Farofa.

Hoje, a região do Retiro é caracterizada no zoneamento do Plano de Manejo do Parque (ICMBio, 2009) como Zona Histórico-cultural. Trata-se da única região onde a ocupação humana é permitida e ocorre, havendo uma concentração de 5 casas habitadas e, como o nome sugere, um rico patrimônio histórico e cultural; embora as poucas famílias que habitam a região tenham restrições de uso do espaço, algumas atividades se mantêm. (ICMBio, 2009 - Plano de Manejo, Encarte 4)

Fotografias das Casas do Retiro:



Figura 2: (Casa do Zé Levi: Fotografia: Acervo Fotográfico do *Projeto Cipó*, 2014).



Figura 3: (Casa do Peixe: Acervo Fotográfico do Projeto Cipó. 2014).



Figura 4: (Casa da Fatinha | Fotografia: Acervo Fotográfico do *Projeto Cipó*. 2016).

Já a Serra das Bandeirinhas é categorizada no zoneamento do Plano de Manejo do PARNA Cipó (2009) como Zona Primitiva. Ou seja, para o ICMBio, é uma região que contém uma biodiversidade e geodiversidade de grande valor científico. Ela fica próxima ao vale do Rio Mascates, categorizada como Zona de Recuperação. Até 2004, criadores de gado de municípios vizinhos ao parque ainda utilizavam as Bandeirinhas para soltura do gado, o que gerou um problema com a ploriferação de braquiária (capim africano: espécie invasora) que tem potencial para agravar incêndios (ICMBio, 2009).

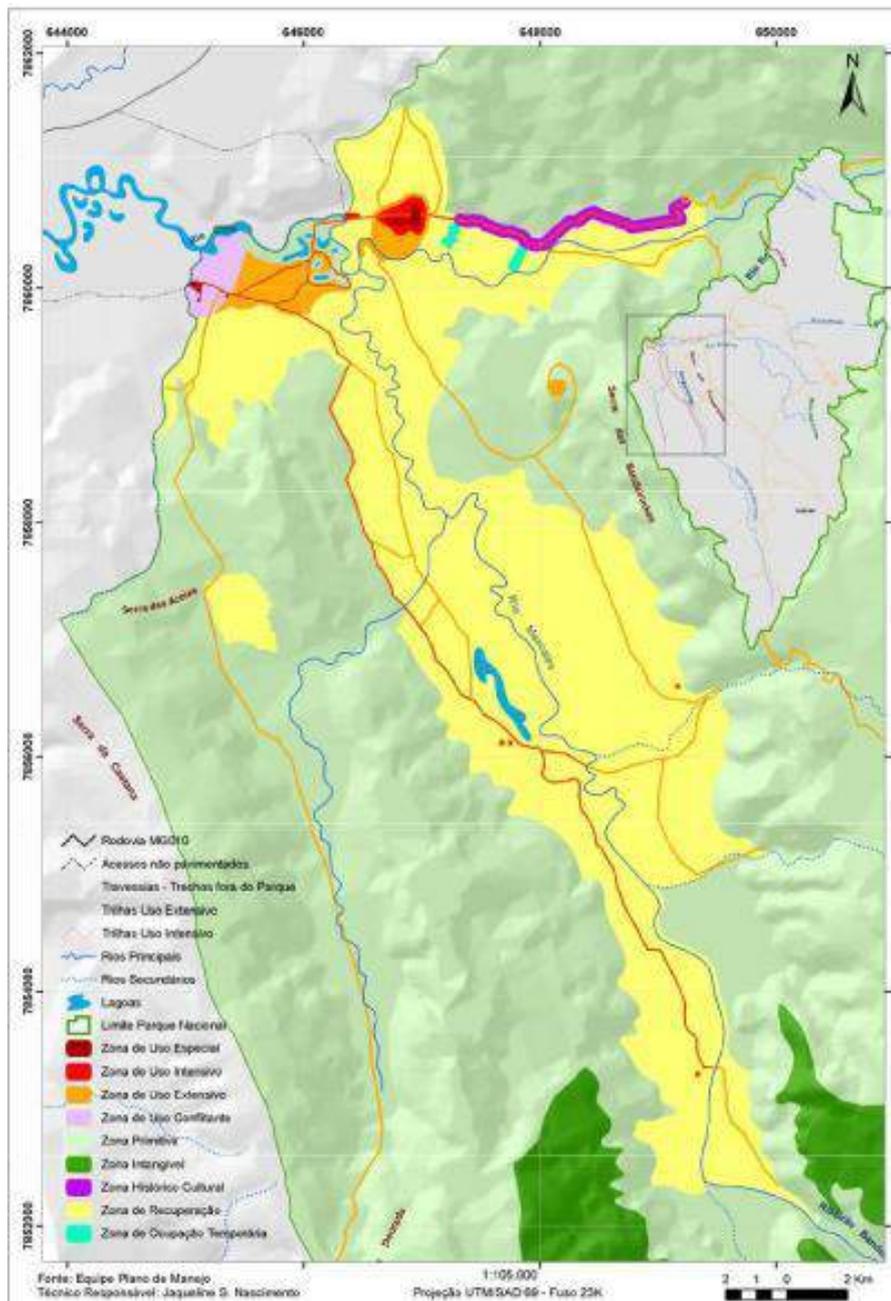
## Serra das Bandeirinhas:



(Figura 5: Campos Rupestres na Serra das Bandeirinhas \ Acervo do *Projeto Cipó*. 2017)

De acordo com relatos colhidos pela equipe do Projeto Cipó, antes do processo de consolidação do PARNA Cipó, muitos dos antigos moradores dessas regiões trabalhavam com criação de gado na soltura, e quando o tempo estava seco, levavam o rebanho para as partes altas (campos rupestres), utilizando fogo controlado para induzir a rebrota do capim, manejando o fogo com uma técnica chamada acero, para impedir a propagação das chamas. Havia também produção manufaturada de leite, queijo e derivados; produção agrícola diversificada: variedades de feijão, milho, mandioca e hortaliças além da cana-de-açúcar, utilizada para produção de garapa, rapadura e cachaça. Havia também a coleta de flores sempre-vivas, comercializadas nas localidades do entorno, frutas e plantas medicinais.

Figura 6: Mapa: Zoneamento dos Vales do Mascates e Bocaina do PARNA Cipó.



(Fonte: ICMBio, Plano de Manejo do PARNA Cipó, 2009)

Nas regiões mais urbanizadas exteriores ao parque, principalmente no distrito de Serra do Cipó, observamos a presença de grande infraestrutura voltada para atender o mercado turístico e os “novos” “moradores”. Percebe-se a presença de loteamentos ocupados somente aos finais de semana, hotéis, restaurantes, chalés, estradas, ruas asfaltadas e iluminadas, agências e

empresas de ecoturismo, carros particulares, motos e jipes para prática de *rally*. O turismo é uma das atividades econômicas mais evidentes na Serra do Cipó e o PARNA Cipó é um dos principais atrativos para os visitantes.

O Plano de Manejo elenca como pontos fortes do PARNA Cipó sua categorização como região prioritária para investimentos do Governo do Estado de Minas Gerais em turismo, e menciona sua inclusão em programas de ecoturismo do Ministério do Meio Ambiente (MMA) e Ministério do Turismo (MinTur) (ICMBio, 2009, Encarte 4, Cap. 4.2.1). O Circuito Turístico Serra do Cipó congrega investimentos da Secretaria de Turismo de MG em parceria com a Associação dos Municípios do Circuito Turístico Parque Nacional da Serra do Cipó (AMPASC), cujo carro chefe é o ecoturismo, aliado aos esportes de aventura, a culinária da região, artesanato, folclore, religiosidade e outros elementos culturais marcantes presentes nos municípios que circundam o PARNA Cipó.

O antigo distrito de Cardeal Mota (hoje chamado Distrito de Serra do Cipó) é uma área adensada e urbanizada, cuja paisagem foi e ainda é, em sua grande maioria, alterada por pressões político-econômicas incentivadas tanto pelo poder público quanto pela iniciativa privada. O Estado teve um papel fundamental nessas mudanças, na medida em que planeja e executa o zoneamento ecológico e econômico dos territórios, estabelecendo e direcionando as políticas de desenvolvimento das regiões, levando infraestrutura, fazendo investimentos diretos e indiretos, realizando campanhas de marketing e divulgação e estabelecendo políticas de incentivo e criação de circuitos turísticos em Minas Gerais.

A atividade turística, promovida pela iniciativa privada, pelo Estado de Minas Gerais, pelos municípios filiados à AMPASC e pelo próprio ICMBio como alternativa econômica, é criticada por Gontijo (2003)<sup>4</sup> que elenca diversas práticas que são causadoras de dano ambiental: coleta de espécies vegetais,

---

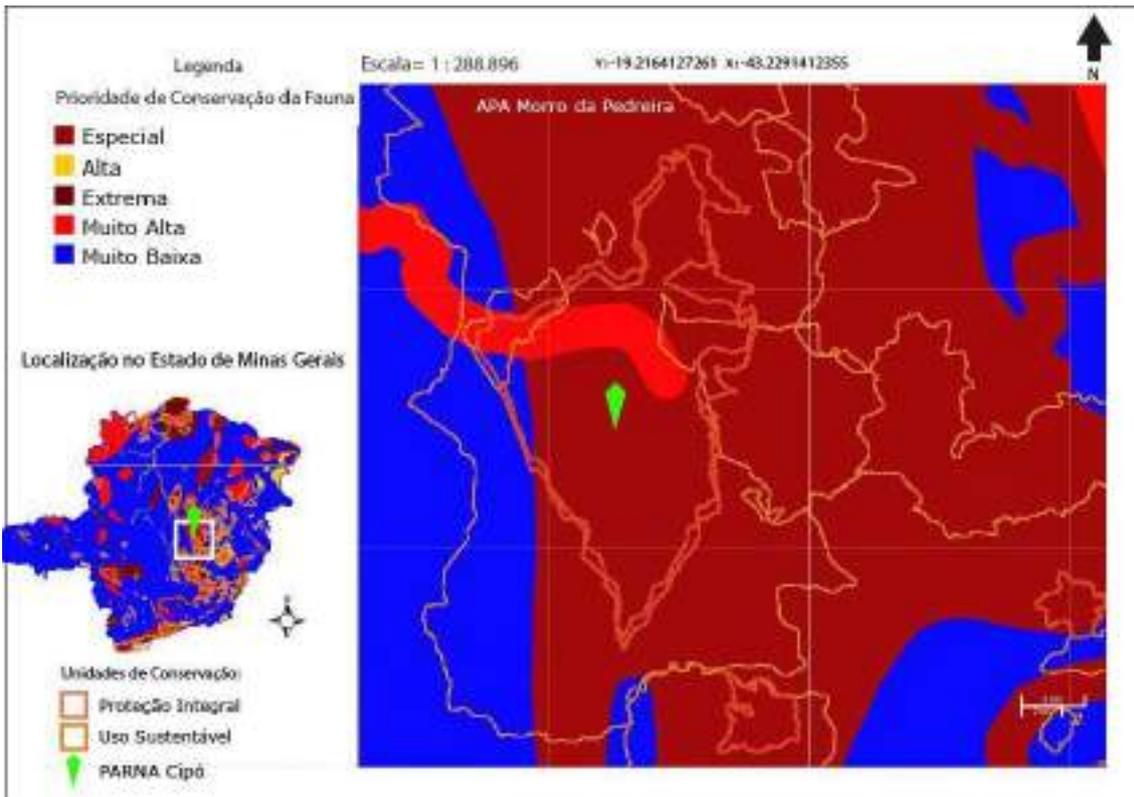
<sup>4</sup> A pesquisa de Bernardo Gontijo (2003) não se restringe a área protegida pelo PARNA Cipó, entretanto, há uma relação dialética entre as políticas voltadas à promoção do turismo e seus impactos na região com a conservação ambiental no PARNA Cipó e na área do entorno: Lapinha, Tabuleiro, Quilombo do Açude e toda extensão da APA Morro da Pedreira.

geração de lixo, fogueiras, super utilização das trilhas e cachoeiras, falta de esgotamento sanitário e pressão sobre a disponibilidade de água, alimento e espaço na região e nos municípios da Serra do Cipó.

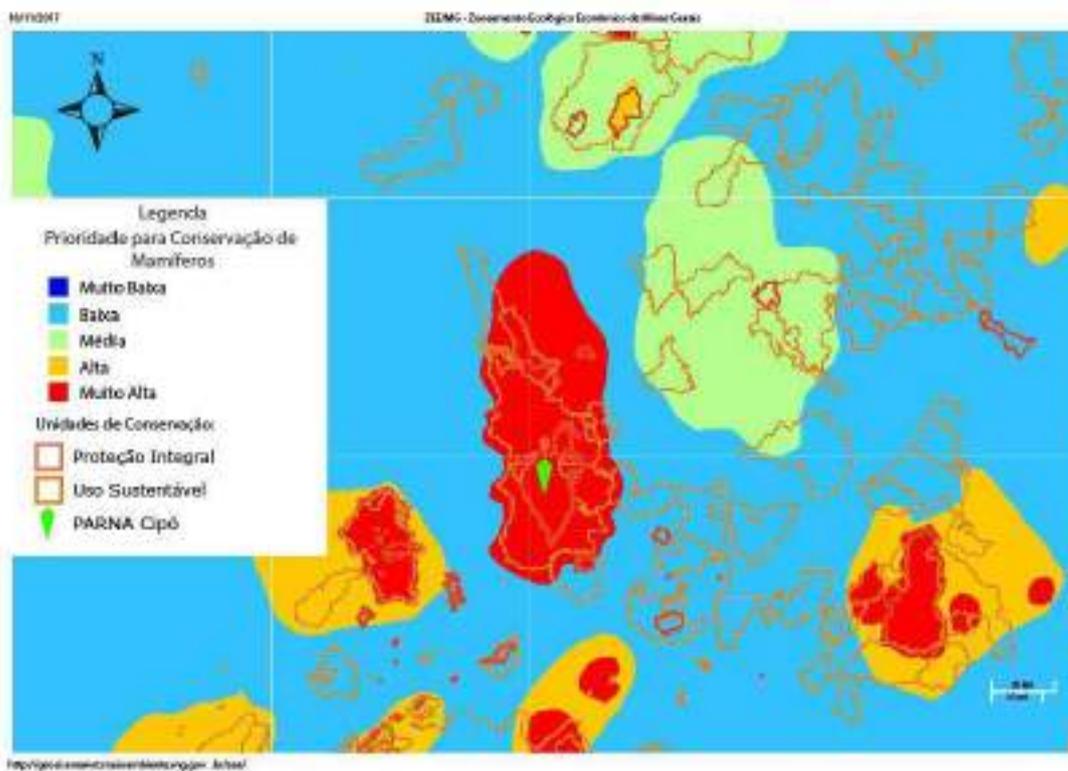
## **5 - Os “bichos” da Serra do Cipó:**

Existe uma ideia amplamente difundida entre muitos moradores e ex-moradores da Serra de que: “depois que o povo foi embora os bichos sumiram” (depoimento de Geraldinho, conselheiro do PARNA Cipó, morador da Serra dos Alves, e funcionário do Parque Estadual da Mata do Limoeiro à equipe de pesquisa, em 16/06/2016). Essa frase inspirou a execução deste trabalho e voltou a atenção do autor para essa questão nas pesquisas de campo subsequentes. Ademais, essa “ideia” é apresentada no capítulo “Visão das Comunidades” do Plano de Manejo do PARNA Cipó. Discutiremos essa questão com mais profundidade no Capítulo 8, entretanto, o que vale salientar aqui, é a noção de “bicho”. Até o momento não houve uma aplicação metodológica para afirmar com precisão a quais animais este termo se refere no contexto dos grupos pesquisados da Serra do Cipó. Mas entre os entrevistados, em sua totalidade, quando falaram de “bichos” se referiam aos mamíferos. Se é que é possível especificar ainda mais esta suposição, se referiram em específico aos mamíferos terrestres.

O Zoneamento Ecológico Econômico de Minas Gerais aponta a região da APA Morro da Pedreira como prioritária para conservação da fauna, principalmente de mamíferos (figuras 7 e 8):



(Figura 7: Mapa de Prioridade de Conservação da Fauna. Extraído e adaptado do ZEE-MG, disponível em: <http://geosisemanet.meioambiente.mg.gov.br/zee/>).



(Figura 8: Mapa de Prioridade de Conservação da Mastofauna. Extraído e adaptado do ZEE-MG).

O PARNA Cipó contém uma vasta biodiversidade, contém várias espécies endêmicas de insetos e anfíbios, além de aves e mamíferos presentes nas listas de espécies ameaçadas (ICMBio, 2009). Com relação aos mamíferos, segundo Câmara (2012), a Serra do Cipó contém um total de 55 espécies de 8 ordens diferentes e a maioria apresenta uma ampla distribuição geográfica, isto é, podem transitar entre o Cerrado, a Mata Atlântica e a Caatinga. A maioria possui hábitos noturnos. No artigo “*Mammals of Serra do Cipó National Park*” é apresentado um estudo comparativo entre a quantidade de espécies de mamíferos do Parque Nacional das Emas, o Parque Nacional da Serra da Canastra e o Parque Nacional da Serra do Cipó, os resultados desse estudo estão organizados na **Tabela 1**.

Tabela 1. Ordens por número de espécies de mamíferos nos parques nacionais das Emas, Canastra e Cipó.

ESPECIES DA ORDEM:	* CANASTRA	** EMAS	*** CIPÓ
Didelphimorphia	5	10	8
Pilosa	2	2	1
Cingulata	6	5	3
Chiroptera (Voadores)	12	24	NE
Primates	2	2	4
Carnivora	13	16	13
Perissodactyla	0	1	0
Artiodactyla	2	6	3
Rodentia	16	19	22
Lagomorpha	1	0	1
<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>85</b>	<b>55</b>
<b>Sem Chiroptera (Voadores)</b>	<b>47</b>	<b>61</b>	<b>55</b>

Extraído e Traduzido de (E. M. V. C. Câmara and L. C. Oliveira, 2012)  
 NE = Não avaliado. Os totais apresentados nas duas últimas linhas representam o número total de espécies com e sem a ordem Chiroptera (voadores), que foi amostrado nos dois estudos anteriores, mas não nos nossos. O total sem Este pedido foi usado aqui para comparação.

\* Dados de: Schneider et al. 2000

\*\* Dados de: Rodrigues et al. 2002

\*\*\* Dados de: Oliveira et al. 2003; Leal et al. 2008; Oliveira et al. 2009; Câmara et al. 2012)

O Ministério do Meio Ambiente publicou em 2014 a lista “Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção”. Em relação à ocorrência de mamíferos presentes nessa lista, 11 destas espécies foram identificadas na Serra do Cipó, são elas:

o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), a raposinha do campo (*Lycalopex vetulus*), a lontra (*Lontra longicaudis*), o rato-de-espinho (*Carterodon sulcidens*), a jaguatirica (*Leopardus pardalis*), o gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*), a suçuarana (ou Onça-Parda, *Puma concolor*), o tatu-rabo-de-sola (*Cabassous tatouay*), o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), o catitu (ou Porco-do-mato, *Pecari tajacu*) e o guariba (*Alouatta guariba*). (BRASIL, MMA. Portaria nº 443, 2014; Câmara, T. & Murta, R. 2003).

O Plano de Manejo do PARNA Cipó (Encarte 3-2, capítulo 3.3.2.6) apresenta um levantamento sobre os mamíferos que habitam a região protegida pelo parque (**Tabela 2**). O Plano de Manejo identificou 63 espécies de 22 famílias e 9 Ordens, e afirma que, embora a biodiversidade seja alta, a quantidade bruta de mamíferos identificados foi baixa, e aponta duas razões para esse resultado: a pressão da caça (do tempo passado e presente) e a alteração do ambiente devido à ocupação do gado bovino (ICMBio, 2009). O plano aponta a possibilidade de um crescimento nessas populações após a retirada do gado da baixada do rio Mascates, em 2002, mas ainda não foram realizados (ou disponibilizados) estudos que confirmem ou não essa afirmação.

Tabela 2: Lista de espécies da classe *Mammalia* registradas no PARNA Cipó pelo Plano de Manejo, listadas por ordem, família e status de ameaça.

Ordem/ Família/ Espécie	Nome Popular	Ameaça MG	Ameaça BR	Endemismo
Artiodactyla (2 Fam. 4 spp)				
Cervidae (2 spp)				
Mazama americana	Veado-mateiro	NA	NA	NE
Mazama gouazoubira	Veado-catingueiro	NA	NA	NE
Tayassuidae (1 sp)				
Tayassu tacaju	Cateto	NA	NA	NE
Carnívora (4 Fam. 16 spp)				
Canidae (4 spp)				
Cerdocyon thous	Cachorro-do-mato	NA	NA	NE
Chrysocyon brachyurus	Lobo-guará	<b>VU</b>	<b>VU</b>	NE
Lycalopex vetulus	Raposa-do-campo	<b>EP</b>	NA	NE
Speothos venaticus	Cachorro-do-mato-vinagre	<b>PE</b>	<b>VU</b>	NE
Felidae (5 spp)				
Leopardus pardalis	Jaguaririca	<b>CP</b>	<b>VU</b>	NE
Leopardus tigrinus	Gato-do-mato-pequeno	<b>EP</b>	<b>VU</b>	NE

<i>Leopardus wiedii</i>	Gato-maracajá	<b>EP</b>	<b>VU</b>	NE
<i>Puma concolor</i>	Onça-parda	<b>CP</b>	<b>VU</b>	NE
<i>Puma yagouaroundi</i>	Gato-mourisco	NA	NA	NE
<b>Mustelidae (5 spp)</b>				
<i>Conepatus semistriatus</i>	Cangambá, jaratataca	NA	<b>NA</b>	NE
<i>Eira barbara</i>	Irara	NA	<b>NA</b>	NE
<i>Galictis cuja</i>	Furão-pequeno	NA	<b>NA</b>	NE
<i>Galictis vittata</i>	Furão	NA	<b>NA</b>	NE
<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra	<b>VU</b>	<b>NA</b>	NE
<b>Procyonidae (2 spp)</b>				
<i>Nasua nasua</i>	Coati	NA	NA	NE
<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada	NA	NA	NE
<b>Chiroptera (1 Fam. 4 spp)</b>				
<b>Phyllostomidae (4 spp)</b>				
<i>Anoura geoffroyi geoffroyi</i>		NA	NA	NE
<i>Artibeu jamaicensis planirostis</i>		NA	NA	NE
<i>Lonchophylla bokermanni</i>		<b>EP</b>	<b>VU</b>	NE
<i>Vampyrops lineatus</i>		NA	NA	NE
<b>Didelphimorphia (1 Fam. 6 spp)</b>				
<b>Didelphidae (6 spp)</b>				
<i>Caluromys philander</i>	Cuíca	NA	NA	NE
<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá-de-orelha-branca	NA	NA	NE
<i>Gracilinanus agilis</i>	Cuíca	NA	NA	NE
<i>Marmosops incanus</i>	Catita	NA	NA	NE
<i>Monodelphis domestica</i>	Cuíca	NA	NA	NE
<i>Philander frenata</i>		NA	NA	NE
<b>Lagomorpha (1 Fam. 1 sp)</b>				
<b>Leporidae (1 sp)</b>				
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapiti	NA	NA	NE
<b>Primates (2 Fam. 3 spp)</b>				
<b>Callitrichidae (2 spp)</b>				
<i>Callithrix geoffroyi</i>	Mico-da-cara-branca	NA	NA	NE
<i>Callithrix penicillata</i>	Mico-estrela	NA	NA	NE
<b>Cebidae (1 sp)</b>				
<i>Alouatta caraya</i>	Bugio	NA	NA	NE
<b>Rodentia (8 Fam. 24 spp)</b>				
<b>Agoutidae (1 sp)</b>				
<i>Agouti paca</i>	Paca	NA	NA	NE
<b>Caviidae (2 spp)</b>				
<i>Cavia aperea</i>	Preá	NA	NA	NE
<i>Kerodon rupestris</i>	Mocó	NA	NA	NE
<b>Cricetidae (1 sp)</b>				
<i>Oryzomys subflavus</i>	Rato-vermelho	NA	NA	NE
<b>Dasyproctidae (1 sp)</b>				

<i>Dasyprocta leporina</i>	Cutia	NA	NA	NE
<b>Echimyidae (3 spp)</b>				
<i>Thrichomys apereoides</i>	Punaré	NA	NA	NE
<i>Trinomys moojeni</i>	Rato-de-espinho	NA	NA	<b>EC</b>
<i>Coendou prehensilis</i>	Ouriço-caixeiro	NA	NA	NE
<b>Erethizontidae (2 spp)</b>				
<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara	NA	NA	NE
<i>Akodon cursor</i>	Rato-do-mato	NA	NA	NE
<b>Muridae (13 spp)</b>				
<i>Bolomys lasiurus</i>	Rato-do-mato	NA	NA	NE
<i>Calomys tener</i>		NA	NA	NE
<i>Nectomys squamipes</i>		NA	NA	NE
<i>Oecomys concolor</i>		NA	NA	NE
<i>Oligoryzomys eliurus</i>		NA	NA	NE
<i>Oryzomys gr. Subflavus</i>		NA	NA	NE
<i>Oryzomys intermedius</i>		NA	NA	NE
<i>Oryzomys russatus</i>		NA	NA	NE
<i>Oxymycterus dasytrichus</i>		NA	NA	NE
<i>Oxymycterus roberti</i>		NA	NA	NE
<i>Proechymis sp</i>		SI	SI	SI
<i>Rhipidomys mascatis</i>		NA	NA	NE
<i>Thalpomys lasiotis</i>		NA	NA	NE
<b>Sciuridae (1 sp)</b>				
<i>Sciurus aestuans</i>	Caxinguelê	NA	NA	NE
<b>Xenarthra (2 Fam. 3 spp)</b>				
<b>Bradyrodidae (1 sp)</b>				
<i>Bradypus sp</i>	Preguiça	SI	SI	SI
<b>Dasyrodidae (2 spp)</b>				
<i>Dasytus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	NA	NA	NE
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peba	NA	NA	NE
<b>Myrmecophagidae (2 spp)</b>				
<i>Myrmecophaga tridactyla</i> <sup>5</sup>	Tamanduá-bandeira*	<b>EP</b>	<b>VU</b>	NE
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim	<b>VU</b>	NA	NE

(Extraído e Adaptado do Plano de Manejo do PARNA Cipó – Encarte 3-2, 2009 pg. 202-203. Legenda: **NA**: não ameaçada; **QA**: quase ameaçada; **VU**: vulnerável; **EP**: em perigo; **CP**: criticamente em perigo; **PE**: provavelmente extinta; **NE**: não endêmica; **EE**: endêmica da Serra do Espinhaço; **EC**: endêmica da Serra do Cipó; **SI**: Sem informação).

<sup>5</sup> O Tamanduá-Bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) não foi registrado no levantamento oficial do PARNA Cipó, entretanto foram encontrados vestígios de sua presença na região (que faz parte de seu território original), e semanas depois foi avistado por leigos (ICMBio, 2009)



(Figura 9: Exemplos de Mamíferos presentes na Serra do Cipó - Imagens retiradas do Google)

A fragmentação de habitat é apontada nos relatórios da IUCN, como um dos maiores desafios para conservação da mastofauna (IUCN, Paviolo, A. et. al. 2015; Nielsen, C. et. al. 2015; Payan, E. et. al., 2016). Dentre essas espécies, a maior parte em maior situação de vulnerabilidade ambiental é formada por carnívoros ou carniceiros, espécies com baixa densidade populacional cuja estrutura social é solitária. Entretanto, há outras ameaças a serem consideradas, como o atropelamento nas estradas, perseguição direta por humanos, doenças adquiridas no contato com animais domésticos e poluição. Dentre as espécies carnívoras e carniceiras que ocorrem na região, podemos citar: Cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), Lobo Guará (*Chrysocyon brachyurus*), Jaguaririca (*Leopardus pardalis*), Gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*), Raposinha do Campo (*Pseudalopex vetulus*), Jaguarundi (*Herpailurus yagouaroundi*) e Onça Parda (*Puma concolor*).

Outras espécies em situação delicada e também vítimas da fragmentação de habitat são: Mico-da-cara-branca (*Callithrix geoffroyi*), Veado Mateiro (*Mazama americana*) e a Lontra (*Lontra longicaudis*). O relatório da IUCN aponta que o Mico-da-cara-branca embora seja considerado como uma espécie adaptável apresenta um decréscimo populacional devido à destruição generalizada da Mata Atlântica nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Já a Lontra é bastante ameaçada pela poluição das águas, indústrias hidrelétricas e demais impactos nos corpos d'água.

São vários os motivos pelos quais é interessante a conservação da biodiversidade. Além do valor intrínseco de cada ser e espécie que deve ser respeitado por um princípio ético, a biodiversidade também traz soluções pra questões econômicas e científicas das populações humanas, seja através da farmacologia, medicina, veterinária, botânica, agricultura, etc. (Primack, R. B. 2001). Geralmente mamíferos são elencados como alvo de conservação, pois são carismáticos, e agem como espécie bandeira nas políticas de preservação ambiental em seus habitat (Primack, R. B. 2001). Ainda há muitas lacunas no que se refere ao conhecimento científico sobre os mamíferos do Cerrado, em parte porque apenas algumas localidades foram adequadamente pesquisadas

ou submetidas a estudos de longo prazo (Câmara, E. M. V. C. & Oliveira L. C., 2012).

Para (MENDES, 2015) seria prudente e principalmente, ético, que antes de expulsar pessoas de suas terras e/ou criminalizar práticas culturais e formas de trabalho, fossem investigados quais são os impactos ambientais causados pelos usos e formas de ocupação do território dos grupos afetados, usos que podem ser positivos ou negativos para conservação da biodiversidade.

## **6 – Conhecendo as Pessoas: Conversas, Entrevistas, Métodos e Pesquisas de Campo.**

As entrevistas semi-estruturadas realizadas pelo *Projeto Cipó*, seguiram um roteiro (**Anexo I**) que abrange 16 temas/questões: (1) parentesco; (2) história de vida; (3) costumes e modo de vida; (4) território; (5) infraestrutura; (6) saúde; (7) educação; (8) religião; (9) transporte; (10) habilidades; (11) relação com animais; (12) convivência; (13) trabalho e renda; (14) outros atores; (15) relação com o parque; (16) perspectivas futuras.

Estas questões foram agrupadas em seis eixos principais: (1) Inter-relações e Sociabilidade, (2) Tempo e Espaço, (3) Trabalho, Lazer e Urbanização, (4) Religiosidade e Saúde, (5) Proteção da Biodiversidade e (6) Turismo. O presente trabalho propôs um enfoque no quinto eixo levantado, a proteção da biodiversidade, conectando-o às demais discussões, estudos e reflexões sobre o meio ambiente em questão e o recorte da pesquisa.

A partir do quinto eixo da pesquisa qualitativa, foram feitos levantamentos gerais sobre a visão dos moradores e antigos moradores da região em relação ao meio ambiente e à conservação ambiental no território. Tais entrevistas subsidiaram as visitas de campo seguintes, que tiveram como foco captar *in locu* as percepções sobre possíveis alterações na recorrência, frequência e incidência de espécies animais do Cerrado na Serra do Cipó desde a década de 1970.

Ao total foram realizadas 20 idas a campo, nos quais visitamos as seguintes localidades: Cardeal Mota, Cipó Velho, Retiro, Cabeça de Boi, Serra dos Alves, Carmo, Linhares, Bongue, Tatinha, Serra das Bandeirinhas e Currais. Ao todo, identificamos 18 sujeitos que vivem, viveram ou possuem forte parentesco com os envolvidos na questão fundiária/socioambiental do PARNA Cipó. Realizamos entrevistas com 4 representantes de órgãos ambientais (3 do ICMBio e 1 do IEF), E com 2 pessoas do Quilombo do Açude que contribuíram muito para a pesquisa, além de diversos outros atores, pessoas vinculadas à Pastoral da Terra, Universidades, ou que viveram na época em que o Parque Nacional da Serra do Cipó foi criado.<sup>6</sup>

Novas pesquisas de campo ainda não de serem feitas, pois a presente pesquisa é apenas o início de uma caminhada em busca de compreender as relações entre as pessoas e os bichos na Serra do Cipó.

Em agosto de 2017, fizemos uma “caminhada” etnoecológica (Travessia) com ex-moradores das “Bandeirinhas” pelo interior do PARNA Cipó. Fomos a cavalo, com autorização do ICMBio, saindo no sábado (05/08/2017), às 06:00hs, do Retiro, passando pelas regiões da Tatinha, Juventino, Bandeirinhas e com pernoite nos Currais (20km de trajeto), e retornamos no domingo (06/08/2017) pelo mesmo caminho. Ao longo da jornada, nos aproximamos de nossos “guias”, que a todo o momento resgatavam antigas lembranças e indicavam os nomes dados aos lugares, às espécies de plantas que costumavam crescer, aos animais que costumavam avistar, os objetos e alimentos que costumavam produzir, dentre outras dezenas de informações construídas ao longo de uma vida.

Outra questão observada ao longo da pesquisa qualitativa é a distância entre as linguagens dos comunitários da Serra do Cipó, bem marcada pelo sotaque mineiro e uma forma própria de comunicação e a linguagem formal utilizada pelos representantes de diversas instituições (ICMBio, Ministério Público,

---

<sup>6</sup> As gravações de áudio ou vídeo que subsidiaram este trabalho só foram feitas com as pessoas que autorizaram explicitamente a captura do material. Por tanto, alguns registros só existem em nossos cadernos de campo e não foram introduzidos no corpo do texto.

Defensoria Pública, Universidades, etc.), distancia que dificulta mas não impossibilita a comunicação. Teunen A. Van Dijk (2011) discute relação entre linguagem (discurso) e poder, afirmando que o discurso é um dos meios pelos quais as desigualdades se materializam na sociedade. Segundo Van Dijk (2011) e Brandão (2002), o discurso possui necessariamente uma carga ideológica, mesmo que os interlocutores não percebam, e estes sujeitos interlocutores têm diferentes maneiras e capacidades de legitimá-los e validá-los perante a sociedade, e entendendo o discurso como uma forma de influência, convencimento e manipulação de outros sujeitos, isso confere poder àqueles que dominam a técnica discursiva e têm possibilidade de legitimá-la perante os demais. A desigualdade de capital cultural, financeiro, acesso à educação, “cultura”, etc. determinam quais “verdades”<sup>7</sup> serão menos ou mais aceitas.

Após as atividades em campo, através da pesquisa qualitativa, identificamos narrativas muito parecidas umas com as outras, vindas de pessoas que moram ou moraram em pontos muito distantes uma das outras, mas que mantêm ou mantiveram relações semelhantes com a Serra do Cipó. Em linhas gerais, relatos dos moradores do Retiro e relatos de ex-moradores das Bandeirinhas são muito parecidos no que diz respeito aos conflitos agrários, aos impactos em sua tradição rural/camponesa e à visão sobre o meio ambiente da região e suas mudanças ao longo dos anos.

Optou-se por identificar os entrevistados pelos nomes aos quais são conhecidos, para reconhecer e valorizar os sujeitos como portadores de um conhecimento válido, mantendo também a descrição do contexto da entrevista para permitir a análise das posições individuais de cada ator e fornecer ao leitor elementos que ilustrem a realidade e as circunstâncias da pesquisa.

---

<sup>7</sup> A palavra “verdade” é compreendida no texto como uma forma de interpretação da realidade, entendendo que não exista uma “verdade” única. A noção do que é verdadeiro ou falso varia de acordo com o tempo, os atores e o contexto.

## 6.1 Tradição rural/camponesa:

Os seguintes trechos de entrevistas mostram a semelhança entre o trabalho e a produção de sujeitos que viveram parte significativa de suas vidas na Serra do Cipó:

Zé Julio (Serra das Bandeirinhas)

**Zé Julho:** Eles plantavam muito era milho, plantava arroz, feijão, na região aqui eles plantava era muito isso, tinha muito moinho de fubá, povo criava muito porco e plantava mesmo era o milho, o feijão e o arroz né. E quando ia comprar alguma coisa lá em baixo, no arraial lá embaixo só comprava quando precisava era o macarrão, o querosene, o resto era daqui mesmo (Depoimento de Zé Julio, colhido durante a Travessia em 5/08/2017)

Marizita e Nair

**Giulia:** E conta pra gente, como que era a vida de vocês lá no Retiro? Vocês plantavam? O que que vocês plantavam?

**Nair:** Plantava feijão, plantava arroz...

**Marizita:** Plantava e comia. Se num plantar, num comia não.

**Nair:** É. Num tinha nada pra comprar não, minha filha. (...)

**Marizita:** Mas era seis meses direto e reto. Aí plantava, capinava, tudo embaixo de chuva. Colhia, tudo embaixo de chuva. Era desse jeito. E num tinha dinheiro pra comprar e num tinha lugar de vender também não. (Entrevista realizada em 29/07/2014 no distrito de Serra do Cipó por pesquisadoras do *Projeto Cipó*)

Piedade (Serra das Bandeirinhas)

**Piedade:** Normal. A gente plantava arroz, plantava feijão, alho, cebola, inhame que é o cará, né? A gente plantava cenoura, cenoura dava demais que é essa batata baroa. A gente plantava mandioca, plantava tudo.

**Cuta:** Batata baroa é aquela cenoura branca?

**Piedade:** É. Nó! Aquilo lá tinha época que quando [vinhava] tava pouco, de tanto que dava. (Distrito de Serra do Cipó em 17/01/2014)

As pessoas entrevistadas fazem menção à necessidade do plantio para sobrevivência em um contexto onde o comércio era muito distante, elencando os alimentos que eram produzidos e consumidos pelas famílias. Há pouquíssima menção do uso e consumo de produtos industrializados e a produção agrícola sustentava sua permanência no território.

## 6.2 Conflitos Agrários:

Para muitas das pessoas afetadas pela criação do PARNA Cipó, a chegada do parque representa uma mudança violenta em suas vidas, afetando a forma em que viviam e estabelecendo um ponto de ruptura no tempo que separa bem nitidamente os momentos “antes do parque” e o “depois do parque”.

Zé Miné (Retiro)

**Bia:** O Zé, e como é que foi pra vocês saírem. Como foi a chegada do parque? Quando que vocês ouviram falar do parque a primeira vez?

**Zé Miné:** A primeira vez tem muitos anos, tem tempo pra caramba. Até hoje não pagou nada, não saiu nada. Só falou de boca. Só pegou o terreno dos outros, mas pagar não pagou ninguém não. Nós aqui, pelo o que estamos sabendo, não pagou.

**Bia:** Eles vieram tirar vocês como? Eles vieram armados?

**Zé Miné:** Eles vieram, eles estavam todos armados. Se fosse pra atirar, eles estavam todos armados. Eu ralhei com eles [16'59"] o direito pra entrar assim no negócio da pessoa assim, chegar pra pessoa armado assim. Como é que é? Como é que faz? [17'10"] que o dinheiro estava chegando, que podia [comprar] outro lugar, que já ia pagar logo, [17'26"] e conversa daqui, conversa dali. Até hoje. De maneira que [17'35"].

**Bia:** A terra é de vocês mesmo, a propriedade?

**Zé Miné:** A terra é. Fomos nascidos e criados lá.

(Entrevista realizada na casa de Zé Miné em 19/01/2014)

O caso do “Zé Miné” é um dos mais emblemáticos e extremos da violência sofrida por alguns dos ex-moradores da região hoje protegida pelo PARNA Cipó. O emprego de força militar para retirar agricultores de terras ocupadas por anos sem indenização ou qualquer outro tipo de garantia é completamente descabido e injustificável.

Zé Júlio (Serra das Bandeirinhas)

**Zé Júlio:** Eu quando mudei de la eu tinha 6 anos de idade, tava com 6 anos, mas geralmente eu mudei de la mas meu pai levava agente pra la pra mexer com serviço então nunca deixei de andar na região aqui, sempre andei. Agente mudou de lá mas continuou sempre vindo cá na região, passava época de férias agente vinha pra cá, e até hoje agente vem aqui direto.

**Zé Julho:** Agente mudou de lá porque na época não tinha uma escola, não tinha um comércio, não tinha nada na região aqui. Aí agente teve que mudar, meu pai levou agente pra colocar na escola, tava todo mundo pequeno, e tava muito longe então todo mundo mudou por essa causa. E por conta do desapropriamento do parque.

**Najara:** Você lembra como foi esse dasapropriamento?

**Zé Júlio:** Eu não lembro certinho na época não porque na época eu tava pequeno né. Mas tem muita gente que recebeu, muita gente que ta pra receber, muita gente que tem a esperança de receber, não sabe se vai receber um dia. Mas o IBAMA acertou com muita gente, mas tem muita gente ainda pra ser indenizada. Meu pai mesmo recebeu uma parte, mas tem umas outras partes que dentro da região poderia receber também. (Depoimento de Zé Júlio, colhido durante a Travessia em 5/08/2017)

Piedade (Serra das Bandeirinhas)

**Piedade:** [É, faz nada pra ninguém]. Mas eu não tenho vergonha de contá o meu sofrimento, não tenho vergonha, não tenho vergonha. Fico é muito triste,

desse povo rico, desse jeito que esse governo fazê isso que fez com a gente e a gente não recebê. Não recebê nada.

**Bia:** Não, isso tem que mudar, não é possível.

**Piedade:** E foi tipo despejado, largado a casa da gente, queimou as coisa[s], queimou as coisa[s] de valor que a gente tinha dentro de casa, foi tudo queimado. A gente tinha coisa que hoje não existe mais, esses arreio com essas argola[s] de prata, (...)

**Piedade:** Tudo com essas [arriata] bonita. Os tacho[s] de cobre que fazia rapadura, hoje vale é muito dinheiro. As vasilha[s], as cama[s] que não existe mais essas madeira[s] agora.(...)

**Piedade:** Tudo que foi queimado. As vasilha[s], as roupa[s] que ficou dentro da casa.

(...)

**Bia:** E eles deram os lotes pra vocês que prometeram [trecho inaudível (15:17)]?

**Piedade:** Não deu nada.

**Bia:** Nada, nem lote?

**Piedade:** Num deu nada pra nós. Num deu, num pago[u], deu nada. Foi tipo assim um despejo. Tô na sua casa você chega e fala “sai daqui sem nada”. Num deu nada, num procuro[u] da[r] nada pra gente comer e minha mãe doente, gastando remédio, a gente pedindo ajuda pra comprar remédio pra minha mãe. (Entrevistado por Ana Beatriz Vianna Mendes, em 17/01/2014 na Serra do Cipó).

As falas demonstram que houve diferentes situações quanto à situação fundiária e a implantação do parque. Algumas pessoas foram indenizadas e outras não, e há também pessoas que sofreram mais ou menos violência. Cada caso tem sua especificidade, mas os entrevistados reconhecem que em alguma medida houve violação de direitos para com algumas pessoas.

Os casos de Zé Miné, Deusdita e Piedade são exemplos do que Lobão (2006) chama de “política do ressentimento”, fruto de decisões arbitrárias que trouxeram prejuízo material e imaterial para as pessoas, dando início a novos conflitos fundiários / socioambientais.

### 6.3 Relações com os mamíferos (meio ambiente)

Ildeu, Fatinha e Deusdita:

Na entrevista realizada com Ildeu, Fatinha e Deusdita no distrito de Serra do Cipó em 28/07/2014, os entrevistados do Retiro, através do marco temporal da infância, relatam a abundância de recursos naturais e a escassez de suprimentos necessários para a vida na parte baixa da Serra. Atribuem aos mamíferos a “categoria” de “bicho”, e às aves a “categoria” de “passarinhos”, descrevendo a atividade predatória dos mamíferos carnívoros ao atacar suas “criações”, no caso as galinhas; eram avistados lobos, onças e raposas.

**Ildeu:** Num passava falta de nada. Galinha. Uma galinha que tinha [?], que bicho, pegava. Toda vida bicho, onça, tudo pegava aí. Onça não. Lobo, [raposa], toda a vida. [?] Isso aqui, ó, cê podia sair...  
(...)

**Léo:** E cê falou, cê já viu lobo aqui?

**Ildeu:** Gente, desde o tempo de criança, lobo, raposa. Desde o tempo de criança tem.

**Léo:** E hoje, cê ainda vê?

**Ildeu:** Vê. Desde o tempo de criança tem. Oh, raposa, lobo, onça...

**Deusdita:** Uai, vamo embora então [?] a onça pega nós.

**Ildeu:** Não, não tem problema. Aqui,...  
(...)

**Deusdita:** Ildeu, agora não tem passarinho porque não tem nada deles comer.

**Ildeu:** Não tem nada.

**Deusdita:** Porque que a gente não planta bananeira pros passarinhos, laranjeira, esses trem, pros

passarinho comer? A gente não pode plantar, eles devia plantar.

(...)

**Deusdita:** Agora, eles passam uma fome!

**Léo:** E não entrava dentro de casa, não? Pra pegar uma frutinha, isso, os macaquinhos?

**Ildu:** Não, macaquinho entrava, comia. [?]. Tudo tinha.

(Entrevista realizada por... em...)

Ildu é o único entrevistado que de certa forma contraria a ideia do “sumiço” dos animais (mamíferos), mas concorda que o “não plantio” afetou a dinâmica das aves. Contudo, ele afirma avistar desde a infância algumas espécies de mamíferos carnívoros como: lobos, raposas e onças, alegando que estes animais silvestres predavam seus animais domésticos (galinhas), e que não possui problema algum com a presença destes animais.

Zé Levi e Cidinha:

Na entrevista com o casal Zé Levi e Cidinha, realizada no Retiro em 28/07/2014, os entrevistados mencionam a existência de árvores frutíferas dedicadas à alimentação dos animais, sobretudo dos micos e das aves:

**Entrevistadora A.:** Nó! Tem muito pé de banana aí! Bananeira!

**Entrevistadora I.:** O que que tem de fruta aí?

**Zé Levi:** Há... Fruta aqui jaboticaba tem demais.

**Entrevistadora I.:** Jaboticaba?

**Entrevistadora A.:** E essas bananas aí? Vocês vendem lá na cidade?

**Zé Levi:** Vendemos um cadim, ó banana aqui é mais pros macaquinho comer... [?]

**Entrevistadora I.:** Os macaquim? Quais macaquim que são? É tipo um mico?

**Zé Levi:** É! Um mico mesmo, é. Eles chegam assim, come, a maritaca come, os cachinho todo mesmo.”

Zé Miné e Cuta:

Na entrevista com Zé Miné (ex-morador do Retiro) e Cuta (morador do Quilombo do Açude) realizada no Distrito de Serra do Cipó em 19/01/2014, o entrevistado em um dos primeiros contatos com pesquisadores do *Projeto Cipó* relata como era a vida no Retiro antes de ser removido do território. Zé Miné é um dos sujeitos que mais sofreu com a violência policial/institucional, é uma das pessoas cuja situação fundiária está irregular, além de ter tido a casa demolida no interior do parque, sendo desalojado e obrigado a morar num posto policial abandonado por cinco anos na beira da Rodovia MG-10.

**Bia:** E como era a vida no Retiro?

**Zé Miné:** A vida lá era boa. Era uma vida distraída. Ninguém ficava aborrecido. Tinha um passeio todo dia pelo mato, andar, passear, mexer com criação, sair pra fazer negócio. E aqui é uma vida presa. Aqui se você não trabalhar... Você vai aqui nessa ruazinha aqui.

Zé Miné ao descrever sua vida na Serra do Cipó atribui a esse momento de sua vida o valor da liberdade, num relato que lembra algumas passagens do livro *Memórias de um recenseador* onde José Carlindo descreve as belezas naturais daquela região e o prazer que tinha ao caminhar sobre as serras, vales e rios.

**Cuta:** Quando estávamos lá não queimava, né, Zé? Cuidávamos lá o tempo todo, entendeu? Fazíamos os aceiros todos no jeito. Agora eles estão lá, quero ver eles olharem o fogo. (...)

**Bia:** O pessoal do ICMBio está fazendo uns cursos de brigadistas e quem está participando são os filhos das pessoas que moravam lá.

(...)

**Cuta:** Eu sei que eles montaram a brigada com o pessoal daqui (...). Mas os filhos do pessoal que moram lá dentro...

**Zé Miné:** (...) Eles ainda me chamaram eu, mas eu não entrei porque eu tenho muita raiva de parque. Não gosto. Esse trem chato demais. É muito amolante.

(Entrevista realizada por pesquisadores do *Projeto Cipó* no Distrito de Serra do Cipó em 19/01/2014)

O manejo do fogo é levantado pelos entrevistados como técnica bem sucedida de controle de incêndios, e ao que parece, o ICMBio reconhece a importância da participação dos comunitários nas ações de combate a incêndio e conservação ambiental. Entretanto, a entrevista acima revela uma situação de conflito onde a imagem do parque, principalmente para o morador afetado, é extremamente negativa e ele se recusa a participar deste tipo de ação junto ao parque.

Geraldinho:

A entrevista realizada na Serra dos Alves em 12/08/2016 com Geraldinho (Conselheiro do PARNA Cipó e funcionário do Parque Estadual Mata do Limoeiro) foi a conversa onde surgiu a pergunta de pesquisa desta monografia. É importante mencionar a habilidade com que o sujeito mescla o conhecimento tradicional com o conhecimento técnico adquirido em sua experiência profissional, descrevendo precisamente de forma clara e simples os fenômenos naturais e consequências de diversas ações e intervenções antrópicas e no ambiente, sugerindo também técnicas de manejo que poderiam ser empregadas para redução de dano ambiental e social no âmbito da gestão da UC ou na produção agrícola e pecuária.

Com relação à mastofauna, a fala do entrevistado endossa o discurso da redução de fauna na região e indica como principal causa dessa redução o

“não plantio”, também ilustrando um tipo de relação entre a produção agrícola da época e a cadeia alimentar destes bichos.

“(…) as ramas de mandioca plantava, e vinha capinando dando manutenção e tudo... e como diz o outro, a gente plantava pra servir pra gente e pros bicho, porque hoje eu fico sempre dizendo isso, tem muito bicho e pouco o que comer, porque a mais ano a gente plantava o alimento pra gente e plantava pra eles. E hoje já se mudou, ta só protegendo, protegendo, mas os alimento deles, não tem mais, o mandioccal pro tatu e nem as pacas extrair, e hoje o que planta, se plantar estraga muito mais, porque são mais bicho do que quem planta (...)” (Transcrição. G.)

Dona Rosa:

Na entrevista com Dona Rosa, realizada durante a Travessia no interior do PARNA Cipó em 05/08/2017, depois de cruzar a Serra das Bandeirinhas (onde viveu por mais de 20 anos), menciona a abundância de Pacas, Veados, Tatus e Tamanduás na Serra das Bandeirinhas, também relatando que na época não havia (tantas) Capivaras. Em seguida descreve a atividade de caça aos tatus, citando a dificuldade de se caçar veados. Ao ser questionada sobre o motivo do suposto desaparecimento dos bichos na região ela responde:

“Porque não tem ninguém pra plantar roça mais, e eles gostam muito é de milho, milho, mandioca... Agora não tem isso nada pra eles comer, eles tem que fugir pra longe, aonde tem gente plantando roça, igual aqui, eles vira pros Alves tem morador, vira pras [costa?] tem morador, vira lá pra baixo tem morador. Então eles quer ir aonde tem alimento pra eles, nós não vimos bicho de qualidade nenhuma na estrada nem rastro eu vi!” (Transcrição DR.:

Travessia: Retiro até Casa dos Currais passando pela Serra das Bandeirinhas,)

Ela em sua entrevista também descreve a maneira em que identifica os rastros dos animais, utilizando os próprios dedos como referência de tamanho para as pegadas e demais rastros destes animais.

Zé Júlio:

Na entrevista com Zé Júlio, também realizada ao longo da travessia no Parque Nacional em 05/08/2017, o ex-morador das Bandeirinhas, afirma que a queda na agricultura da região impactou na redução da fauna de aves e mamíferos, mencionando em seguida a diminuição da presença de espécies como o Porco do Mato, Paca, Tatu, Veado Galheiro, Onça e Tamanduá.

“Os bicho sumiram porque antigamente o pessoal plantava muito, né. Só que como hoje na região não planta mais, aí os bicho também mudaram. Não existe bicho hoje, não tem animal, passarinho hoje na região, quase não existe mais. Porque o foco da alimentação deles era as planta que o pessoal plantava, era o milho que o passarinho comia, feijão arroz, hoje não tem mais por conta dos plantio. Parou com os plantio, não pode plantar mais, não pode mexer na terra mais aqui, então o quê que aconteceu, os bicho sumiu tudo.” (Entrevista realizada por pesquisadores do *Projeto Cipó* em em 05/08/2017).

Na mesma entrevista, Zé Júlio diz que embora ele próprio nunca tenha caçado nem pescado, por não gostar deste tipo de atividade, haviam caçadores na região que “sumiram” junto com os bichos.

No geral, os moradores e ex-moradores entrevistados afirmam que a intensidade de incêndios no território do Parque Nacional aumentou muito depois que as pessoas foram removidas da região e obrigadas a abandonar suas práticas tradicionais no território, entre elas a realização da agricultura de rodízio, manejada com a prática de fogo e aceiros<sup>8</sup>. Questão também observada por (MENDES, 2015). Geraldinho explica que o capim seco (biomassa) acumulado no chão age como combustível para as chamas, e por crescerem descontroladamente por grandes extensões de terra, acaba por fazer com que os incêndios nessas áreas atinjam grandes proporções<sup>9</sup>.

Os antigos moradores da Serra do Cipó entrevistados, percebem uma redução na população de aves e mamíferos, e não atribuem a causa desta redução à caça ou aos incêndios, apontando como principal causa dessa redução o “não plantio”.

O Programa da UNESCO *Man and the Biosphere*, que insere a cadeia montanhosa Serra do Espinhaço na categoria “Reserva da Biosfera”, cuja prerrogativa é estabelecer “bases científicas para melhorar a relação entre comunidades humanas e seus ambientes” (UNESCO, 2014) nunca nem sequer foi mencionado pelas “comunidades humanas” da Serra do Cipó acompanhadas ao longo dos quatro anos de pesquisa do *Projeto Cipó*.

## 7 - A Travessia

Entre os dias 4, 5 e 6 de Agosto de 2017, parte da equipe do Projeto Cipó, realizou uma travessia no interior do PARNA Cipó, acompanhada de um ex-

---

<sup>8</sup> Aceiro: faixa de terra limpa para evitar a propagação do fogo

<sup>9</sup> Em conversa/entrevista informal com brigadistas do PARNA Cipó, estes afirmaram que o treinamento de combate a incêndio recomenda as mesmas instruções do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (CBMMG), onde a ação de combate ao fogo ocorre até as 18h00min, Mas, segundo os brigadistas, o melhor horário pra se combater incêndios é à noite, quando a umidade é maior e as chamas se alastram com mais lentidão. Em reportagem do jornal Estado de Minas publicada em Março de 2017, consta que o ICMBio adotou a técnica do aceiro nos programas de treinamento e prevenção de incêndios deste mesmo ano.

morador e uma ex-moradora da região das Bandeirinhas A atividade de campo foi autorizada pelo SISBIO e a maior parte do trajeto foi feita a cavalo por recomendação dos comunitários. Ao todo foram 48 quilômetros percorridos em dois dias de cavalgada, onde fizemos o registro etnográfico e audiovisual, com pernoite na Casa dos Currais.

Ao longo da jornada pudemos ver de perto as belezas naturais da Serra do Cipó, e nossos “guias” nos mostraram a forma como viviam no passado, sua relação com o ambiente, o nome dos lugares de memória, identificaram rastros de animais silvestres pelo trajeto, espécies de plantas, os cursos d’água, descreveram como o clima se comportava na região e também nos ensinaram a cavalgar. Toledo (2000) discute a importância das caminhadas para o trabalho etnográfico, nesse caso, foi uma cavalgada etnoecológica.



Figura 10: Perfil de Elevação da Travessia: Trajeto Retiro x Currais (produzido no Google Earth PRO, 2017).

Por problemas nos equipamentos, não conseguimos registrar a rota percorrida no GPS, mas utilizando pontos de referência: Retiro, Cachoeira da Farofa, Casa dos Currais, foi possível identificar as coordenadas geográficas através das informações disponibilizadas pelos colaboradores do *Panoramio* (Serviço da empresa Google Inc. que fornece coordenadas geográficas para fotografias compartilhadas pelo software *Google Earth* através do sistema dos satélites *LANDSAT* e *COPERNICUS*), foi possível reconstruir a rota através do *Google Earth PRO*, e construir o perfil de elevação da Figura 10. O perfil é apenas uma aproximação, onde o ponto mais alto do trajeto possui 1487m de altura (Alto da Serra) e o mais baixo 802m (Baixo da Serra).

As trilhas e caminhos no interior do PARNA Cipó eram utilizados no passado como rotas exploratórias, comerciais e que permitiam o fluxo de pessoas e informações através das tropas. Estas mesmas rotas, hoje são destinadas para a manutenção das atividades do parque e para o fomento do ecoturismo na região, sendo classificadas no Plano de Manejo como Zonas de Uso Extensivo (CHAVES, 2017; ICMBio 2009; GONTIJO, 2003). Entretanto, estas mesmas rotas possuem um significado muito singular para os nativos, muito diferente do significado atribuído pela gestão e para os visitantes.

Dona Rosa, disse ao longo da jornada que sentia saudades do local, que a “saúde” lá é melhor e que se fosse possível, gostaria de viver na Serra novamente, embora acredite que a maioria das pessoas que deixaram, mesmo se fosse permitido, não retornariam, afinal, segundo ela essas pessoas preferem a comodidade das cidades do que as dificuldades da vida em meio à natureza. (Depoimento de Dona Rosa, colhido durante a Travessia, em 5/10/2017).

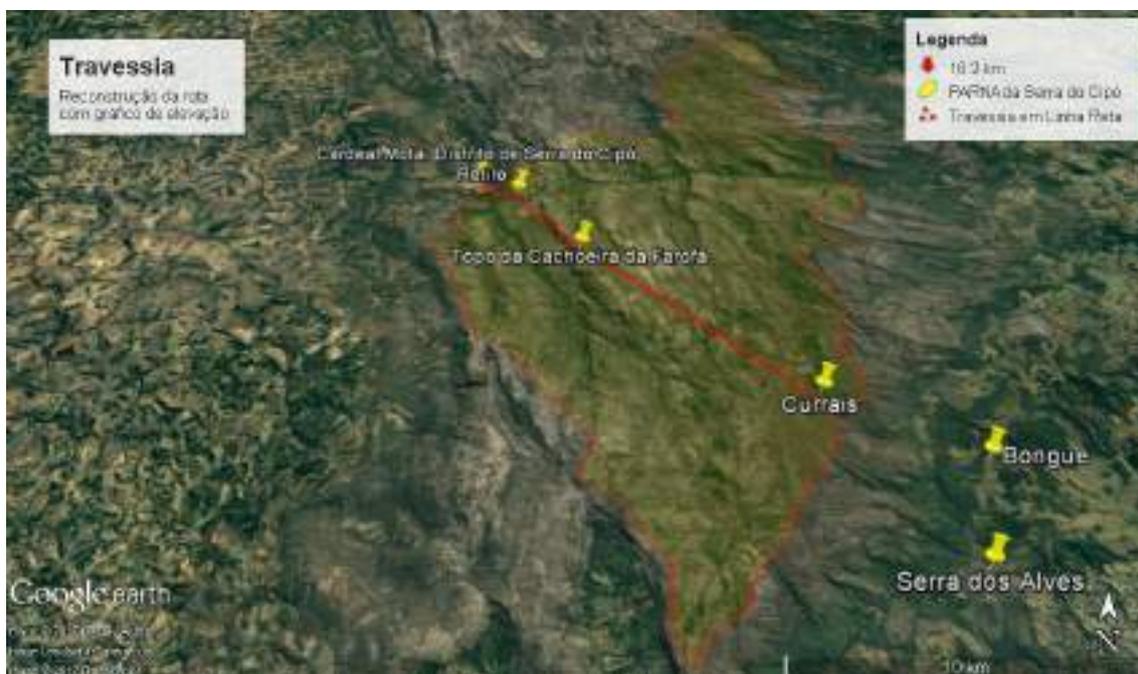


Figura 11: Tentativa de reconstrução do trajeto da pesquisa e marcação dos pontos de referência e interesse de pesquisa no território. *Google Earth Pro*.

Quanto à experiência de campo, infelizmente, a descrição não consegue abarcar todas as sensações, percepções e aprendizados. Cruzar distâncias tão extremas, seja a cavalo ou a pé, exige certo preparo físico e é impressionante para nós, criados em meio urbano, como uma senhora de quase 60 anos consegue executar várias atividades com tamanha tranquilidade. Com relação à experiência de campo, é interessante notar como a noção de tempo e as relações com a noite mudam quando não há energia elétrica. Outro fato marcante foi a facilidade com que Dona Rosa descreveu os rastros que são deixados por animais silvestres, utilizando o tamanho de seus próprios dedos para diferenciar as pegadas dos animais tanto domésticos quanto silvestres.

Retomando a discussão sobre a importância da memória na etnoecologia; ao longo da jornada, em cada momento de conversa ou troca de ideias, ao longo da viagem ou nas pausas, alguma história, caso ou experiência voltava a tomar na memória de Dona Rosa e de Zé Júlio, cada morro tinha uma história, cada córrego fazia-os recordar de algum episódio do passado. A Serra do Cipó é muito mais do que glebas de terra e títulos de posse para aquelas pessoas.

## **8 - Controvérsias: A “visão” das Comunidades Inseridas no Plano de Manejo**

O Plano de Manejo do PARNA Cipó, no item “Visão das Comunidades sobre as Unidades de Conservação”, levanta a informação de que para os antigos residentes houve uma “suposta diminuição da quantidade de animais na área do Parque depois da saída dos moradores” e que “Trata-se de uma análise equivocada de um problema extremamente complexo” argumentando que “Muitos antigos moradores testemunham esta redução, achando que isto prova que o Parque não deveria ter retirado os antigos moradores. Dificilmente um leigo perceberia que os animais que ‘acompanham o homem’ não são aqueles que um Parque visa proteger e sim aqueles que estão absolutamente a salvo da extinção, exatamente por se adaptarem bem a ambientes antropizados.” (Plano de Manejo do PARNA Cipó, Encarte 2, pg. 79). A narrativa institucional

tenta deslegitimar o discurso dos comunitários, estabelecendo uma distância entre os “leigos” e os “gestores/cientistas”, e, de certa forma, nega a experiência adquirida ao longo de toda uma vida na Serra do Cipó. Esta perspectiva institucional está inserida num paradigma onde a “Ciência Moderna” é superior a outras epistemes, formas de saber e experimentação do ambiente vivido (SANTOS B. S. 2007). Entretanto, o Plano de Manejo não nega que houve um distúrbio na população e distribuição de mamíferos e outros animais após a retirada dos moradores da região, embora demonstre uma clara diferença entre as razões que levaram a esse distúrbio e ao significado desse distúrbio para a conservação da biodiversidade.

O Plano de Manejo, no mesmo item, traz um depoimento de um dos recenseadores da região que afirma que “Por causa do Parque, ainda tem cerrado e mata ciliar nas ‘Areias’, mas ele está sendo implantado com pouca gente e muitos erros aconteceram. Os animais desceram junto com a população porque estavam acostumados com as plantações”. O autor pontua também questões ligadas ao manejo do fogo: “Quem disse que ‘cês’ vão educar esse povo pra não botar fogo? Dr. Célio, se o senhor conseguir um dia, ficar cinco anos sem botar fogo, no dia que pegar, queima tudo.” (Plano de Manejo do PARNA Cipó, Encarte 2, pg. 81). Esse relato de José Carlindo Sousa Ferreira é muito parecido com os relatos obtidos nas pesquisas de campo do Projeto Cipó, onde, sobretudo os comunitários que já trabalharam nas brigadas de incêndio, relatam que o acúmulo de biomassa no cerrado e nos campos rupestres agrava em muito a potencialidade destrutiva das queimadas na época de seca. Segundo alguns relatos, o manejo tradicional do fogo através de aceiros prevenia grandes queimadas e permitia um maior controle da área impactada pelo fogo, evitando a queima das matas ciliares, por exemplo.

Zé Júlio: “Antigamente era tudo acerado, as mata era toda acerada, os dono preservava muito as mata, não deixava o fogo entrar nas matas entrar nas nascentes. E hoje em dia você não vê isso mais, você não vê um acero nas matas, não vê um acero

na cabeceira da nascente, e o fogo quando chega ele queima tudo, nascente, queima as mata, queima tudo. E antigamente os proprietários não deixava queimar né, hoje passou pro Parque Nacional só que eles não tem o cuidado de acerar as cabeceiras d'água, acerar as matas, pra evitar os incêndios fortes.”

(Entrevista realizada por pesquisadores do *Projeto Cipó* em 05/08/2017)

A perspectiva apresentada no plano de Manejo sobre a “visão das comunidades” aparenta ser uma argumentação defensiva do órgão ambiental sobre as críticas feitas pelas comunidades, do que uma simples interpretação das demandas apresentadas durante as oficinas de elaboração do plano.

## **9 - Considerações Finais:**

É de extrema dificuldade avaliar com precisão os impactos na biodiversidade de um processo que ocorreu há mais de 30 anos. Entretanto, comparando-se as informações obtidas com a pesquisa qualitativa acerca da percepção ambiental dos moradores sobre a Serra do Cipó, com a pesquisa documental, a teoria ecológica<sup>10</sup> e levando em consideração os princípios da etnoecologia, é possível inferir que a permanência de populações humanas em um ambiente “natural” por certa quantidade de tempo, influencia na dinâmica ecológica do ambiente da região e a retirada brusca destes indivíduos causa sim um distúrbio na cadeia alimentar e na dinâmica populacional de várias espécies, o que, por sua vez, interfere negativamente<sup>11</sup> em toda a dinâmica da comunidade

---

<sup>10</sup> BEGON, M; HARPER, J.L. & TOWNSEND, C.R. (2007); RICKLEFS, R. E. A. (2010) ; PRIMACK & RODRIGUES. (2001)

<sup>11</sup> na maioria dos casos envolvendo populações tradicionais

<sup>12</sup> ecológica. Tendo isso em vista, a violência institucional feita pelo Estado contra estas populações é injustificável sob qualquer perspectiva.

Analisando as transcrições das entrevistas, observa-se que muitos comunitários identificam que no passado muitos animais silvestres (lobos, pacas, veados, etc.) se alimentavam daquilo que era produzido nas hortas e nas lavouras, e que era mais comum avistá-los no ambiente. Além disso, embora reconheçam que existem diversas ameaças à sobrevivência dessas espécies: incêndios, caça, atropelamentos, contato com animais domésticos, etc., a grande maioria dos moradores e ex-moradores da Serra apontam o “não plantio” como motivo principal do desaparecimento destes animais na região.

A pesquisa ainda contém algumas lacunas, pois não foi investigada a fundo a relação que as comunidades da Serra do Cipó possuíam com a caça, e qual a importância que essa atividade tinha no âmbito da sobrevivência e subsistência daquelas comunidades no passado. Tampouco foi aplicada uma metodologia adequada para inferir com exatidão à quais espécies de animais os comunitários se referem ao falar dos “bichos”, ou mesmo qual é a relação que possuem com cobras, jabutis e lagartos, por exemplo, a pesquisa tomou o rumo dos mamíferos porque nenhum (ou quase nenhum) animal das classes *reptilia* e *amphibia* foi mencionado quando falamos sobre os “bichos” nas conversas e entrevistas em campo.

Uma vez que o direito ou a propriedade da terra está associado ao poder econômico na sociedade capitalista, o que muitas vezes representa um maior acesso ao capital político e cultural por parte de alguns grupos, o poder que estes grupos têm de conferir validade e legitimidade às suas interpretações acerca da realidade é maior, e o poder de transformar essa realidade também. O que não quer dizer que as outras versões da história ou os outros discursos sejam “falsos”, para tornarmos a sociedade menos desigual com processos participativos verdadeiramente democráticos, é preciso levar essas assimetrias em consideração.

---

<sup>12</sup> Aqui utilizo o conceito ecológico de comunidade: Interação entre as diversas populações da fauna e da flora que integram um mesmo ecossistema.

No que tange ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação, através da luta política de socioambientalistas como Chico Mendes, hoje existe a possibilidade de associar algumas atividades humanas de baixo impacto com políticas de conservação ambiental. Essa discussão se reflete nas “novas” categorias de “Uso Sustentável” do SNUC. Entretanto, assim como o PARNA Cipó, existem tantas outras Unidades de Conservação de Proteção Integral que entram em conflito com comunidades tradicionais. Essa situação é fruto de decisões políticas verticalizadas somadas a uma assimetria de poder presente na nossa estrutura social.

No dia 16/05/2017, ocorreu uma reunião entre MPF, ICMBio (central, regional e local), UFMG (via *Projeto Cipó*) e UEMG para debater sobre situação fundiária do PARNA Cipó. Nessa reunião, levantou-se a possibilidade de elaboração de um Termo de Compromisso para moradores e usuários do território legalmente definido como parque. Criou-se um Grupo de Trabalho (GT) para estruturar melhor a proposta e construir possíveis soluções para os moradores e alguns dos ex-moradores do Retiro.

A cisão entre natureza e cultura é artificial e antiecológica. A estrutura social dos mamíferos e dos demais seres vivos, não se enquadra na lógica moderna de propriedade. A sobrevivência destas espécies depende não só da criação de Unidades de Conservação, mas também na redução de danos em todos os outros territórios, rurais ou urbanos. Nesse sentido, a educação ambiental se mostra como uma das principais ferramentas para se convencer a sociedade de que é possível viver sem destruir (tanto). As pessoas cujas experiências de vida aconteceram em ambientes “mais naturais”, em contato com seres não/humanos, têm muito a contribuir com isso, se houver a possibilidade de diálogo, ao superar a barreira da linguagem e reduzir as desigualdades.

## Referências Bibliográficas:

Abakerli. S. **A critique of development and conservation policies in environmentally sensitive regions in Brazil.** Volume 32, Issue 4, November 2001, Pages 551-565.

ARAUJO SOARES. **RELAÇÃO CIDADE-CAMPO: desafios e perspectivas.** CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v.4, n. 7, p. 201-229, fev. 2009.

BALDIN, Nelma e MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. **SNOWBALL (BOLA DE NEVE): UMA TÉCNICA METODOLÓGICA PARA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMUNITÁRIA,** 2011.

BEGON, M; HARPER, J.L. & TOWNSEND, C.R. 2007. **Ecologia - De Indivíduos A Ecossistemas.** Artmed Editora. Porto Alegre, RS. 752p

BRANDÃO. Helena H. N. **Introdução à Análise do Discurso.** Editora Unicamp, pg 7-11 & 46-47 Campinas, 2002.

BRASIL. DECRETO REGULAMENTAÇÃO Nº 4.340-02.

BRASIL. **DECRETO-LEI Nº 289, DE 28 DE FEVEREIRO DE 1967.**

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. PORTARIA Nº 443, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2014. **FAUNA BRASILEIRA AMEAÇADA DE EXTINÇÃO.** Diário Oficial, Brasília, DF, 18 dez. 2014. Seção 20, p. 127 - 129.

CAMARA, T. & MURTA, R. **Mamíferos da Serra do Cipó.** Belo Horizonte, PUC Minas, Museu de Ciências Naturais 129p. 2003

CHAVES, P. M. B. **As Trilhas da Serra do Cipó: um estudo de caso sobre o Projeto Travessia do Parque Nacional da Serra do Cipó,** (Monografia), 68 páginas. Belo Horizonte. 2017

CUNHA, M.C. **Etnicidade: da cultura residual mas irredutível**. Antropologia do Brasil, 1986 – Brasiliense EDUSP São Paulo.

DIEGUES, A. C. **Etnoconservação da Natureza: enfoques alternativos**. In. DIEGUES, A. C. (Org.) Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo, Hucitec, 2000.

E. M. V. C. Câmara and L. C. Oliveira. **Mammals of Serra do Cipó National Park, southeastern Brazil**. Chek List. Lists of Species.: 2012.

Estado de Minas. **Brigadistas são treinados para combater incêndios no Parque da Serra da Canastra**. Matéria de João Henrique do Vale, publicada em: 29/03/2017, Acessado em: 17/11/2017. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/03/29/interna\\_gerais,858246/brigadistas-sao-treinados-para-combater-incendios-no-parque-da-serra-d.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/03/29/interna_gerais,858246/brigadistas-sao-treinados-para-combater-incendios-no-parque-da-serra-d.shtml)

FAGGIONATO, S. **Percepção Ambiental**. Texto situado no site <http://educar.sc.usp.br>. Acessado em 13 de Outubro de 2016.

FERREIRA, José Carlindo Sousa. **Memórias de um recenseador** / José Carlindo Sousa Ferreira; Belo Horizonte: Ed. Cipó Voador, 1999/2006; 168 p. II.

FERREIRA, R. A. 2010, **A Serra do Cipó e seus Vetores de Penetração Turística – Um olhar sobre as transformações socioambientais**. UFMG , Departamento de Geografia, Belo Horizonte, 2010.

GESTA, Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais. **LUTA DAS FAMÍLIAS EXPROPRIADAS PELO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ**. Observatório dos Conflitos Ambientais de Minas Gerais. Ficha Técnica, Setembro de 2014. Disponível em: <http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/conflito/?id=564>

GIDDENS, A. **Moderidade e Identidade**. Modernidade e Identidade. Editora Zahar, 233 páginas. 13 de ago de 2002.

GONTIJO. B. M. **A ilusão do ecoturismo na Serra do Cipó / MG: O caso de Lapinha**, 192 p., 297 mm, (UnBCDS, Doutor, Desenvolvimento Sustentável, 2003).

ICMBio. **PLANO DE MANEJO PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL MORRO DA PEDREIRA**, 2009.

IPHAN. **Levantamento preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais da Serra do Cipó/Minas Gerais**. Serra do Cipó, jun. 2011.

LITTLE, P. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Brasília, 2002.

Londrina, PR. 328p.

MENDES, A. B. V. **PROTEGENDO DIVERSIDADES, ENTRE AMBIENTE E CULTURA NO ESTADO BRASILEIRO**. Teoria e Sociedade, p. 80 – 111. Belo Horizonte, 2012.

MENDES, A. B. V.; FREITAS, I. O. S. ; GOUVEA, G. V. S. ; PACIFICO, A. N. ; SOUZA, L. V. . **Parque Nacional da Serra do Cipó e populações tradicionais: reflexões sobre gestão socioambiental**. In: 7o. Encontro Nacional da ANPPAS, 2015, Brasília. Anais do do VII Encontro Nacional da ANPPAS. Brasília: Mediafire, 2015. v. 1. p. 1-34.

Ministério do Meio Ambiente - MMA. **Sistema Nacional de Unidades Conservação – SNUC**, Disponível em: <http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/sistema-nacional-de-ucs-snuc>. Acessado em 14/11/2016.

OKAMOTO, J. **Percepção ambiental e comportamento: Visão holística da percepção ambiental na arquitetura e comunicação**. Editora Mackenzie. São Paulo.

Oliveira V.B.; Câmara E.M.V.C. Oliveira L.C. **COMPOSIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA MASTOFAUNA DE MÉDIO E GRANDE PORTE DO**

**PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ, MINAS GERAIS, BRASIL.**

Mastozoología Neotropical, 16(2):355-364, Mendoza, 2009

PRIMACK & RODRIGUES. 2001. **Biologia da Conservação**. Editora Planta,

RICKLEFS, R. E. A. 2010. **A Economia da Natureza**. RJ Guanabara Koogan, 6 ed. 546p.

ROCHA, G.F.S; SARAIVA, D.G; SOUZA,F.A.S; FARIA, O.J; SOARES, R.C; CASTRO, B.E.S; PIMENTA, S; RIBEIRO, K.T. **ESTUDO DA OCORRÊNCIA DOS MAMÍFEROS DE MÉDIO E GRANDE PORTE NA REGIÃO NA TRILHA DA FAROFA – PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ (MG), E UTILIZAÇÃO DOS DADOS PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, 23 a 28 de Setembro de 2007, Caxambu – MG.

Rodrigues, F.H.G., L. Silveira, A.T.A. Jácomo, A.P. Carmignotto, A.M.R. Bezerra, D.C. Coelho, H. Garbogini, J. Pagnozzi and A. Hass. 2002. Composição e caracterização da fauna de mamíferos do Parque Nacional das Emas. *Revista Brasileira de Zoologia* 19(2): 589-600.

RODRIGUES, R. N. **Os africanos no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. pp. 19-43. **Procedências africanas dos negros brasileiros**. ISBN: 978-85-7982-010-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

ROOSEVELT,S.F. **USO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL COMO INSTRUMENTO DE GESTÃO EM APLICAÇÕES LIGADAS ÀS ÁREAS EDUCACIONAL, SOCIAL E AMBIENTAL**. 2004. Disponível em: [http://www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao\\_Ambiental.pdf](http://www.redeceas.esalq.usp.br/noticias/Percepcao_Ambiental.pdf) Acessado em 12 de Outubro de 2016.

SANCHO, Altair. **Processo geohistórico de Formação dos Territórios permeados pelo Parque Nacional da Serra do Cipó e Área de Proteção Ambiental Morro da Pedreira**, Tese de Mestrado, cap. 4 -Instituto de Geociências – UFMG.

SANTOS, B. S. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos estud. - CEBRAP no.79 São Paulo Nov. 2007.

Schneider, M., A.A.B. Marques, R.S.S. Lima, C.P. Nogueira, R.C. Printes and J.A.S. Silva. 2000. Lista atualizada dos mamíferos encontrados no Parque Nacional da Serra da Canastra (MG) e arredores, com comentários sobre as espécies. *Biociências* 8(2): 3-17.

SOUZA, L. V. **É Parque, mas nem tão Parque assim: Representações acerca do Parque Nacional da Serra do Cipó**. In: VII Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social e II Encontro Latino Americano sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social, 2015, Florianópolis. Anais do VII Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social e II Encontro Latino Americano sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social, 2015. p. 599-607.

Teunen A. van Dijk. **Discurso e Poder**. Pg 113 – 131, 2011.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais**. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009. Editora UFPR.

UNESCO. **Man and the Biosphere Programme**. Página eletrônica da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em: <<http://en.unesco.org/>>. Acesso em: 17 Nov. 2017.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **RAÍZES HISTÓRICAS DO CAMPESINATO BRASILEIRO**. XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. GT 17. PROCESSOS SOCIAIS AGRÁRIOS. CAXAMBU, MG. OUTUBRO 1996.

## Relatórios da IUCN:

Rylands, A.B. & Mendes, S.L. 2008. *Callithrix geoffroyi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2008: e.T3572A9952962.

Lucherini, M. 2015. *Cerdocyon thous*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T4248A81266293.

Paula, R.C. & DeMatteo, K. 2015. *Chrysocyon brachyurus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T4819A88135664.

Caso, A., de Oliveira, T. & Carvajal, S.V. 2015. *Herpailurus yagouaroundi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T9948A50653167.

Nielsen, C., Thompson, D., Kelly, M. & Lopez-Gonzalez, C.A. 2015. *Puma concolor*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T18868A97216466.

Black-Decima, P.A. & Vogliotti, A. 2016. *Mazama gouazoubira*. The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T29620A22154584.

Duarte, J.M.B & Vogliotti, A. 2016. *Mazama americana*. The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T29619A22154827.

Dalponete, J. & Courtenay, O. 2008. *Pseudalopex vetulus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2008: e.T6926A12815527.

Rheingantz, M.L. & Trinca, C.S. 2015. *Lontra longicaudis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T12304A21937379.

Payan, E. & de Oliveira, T. 2016. *Leopardus tigrinus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T54012637A50653881.

Paviolo, A., Crawshaw, P., Caso, A., de Oliveira, T., Lopez-Gonzalez, C.A., Kelly, M., De Angelo, C. & Payan, E. 2015. *Leopardus pardalis*. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T11509A97212355.

## **ANEXO I – Roteiro das Entrevistas do *Projeto Cipó***

História de vida da pessoa/ família

Antes e depois em todas as questões

1. Local de nascimento e vida dos pais e avós
2. Motivos de mudanças dos pais e avós (e da pessoa)
3. Modo de vida/rotina no passado e no presente: (plantação, criação, pesca, caça, lenha, artesanato/produção de ferramentas/panelas), técnicas, processos, ferramentas, trator, divisão de tarefas, consumo. Consumo, venda, troca, doação? Plantio: aditivos para o solo, pesticidas, como os conseguem/produzem? Beneficiamento do cultivo? Colheita: como colhe (ferramentas [balaio, varas], animais, relações sociais, processos, ciclos naturais? Como outros animais não domesticados interferem positiva/negativamente na plantação? Lenha: Onde pega, como escolhe e por que. Animais de estimação (nomes).
4. Território (rios, montanhas, matas, lendas e histórias, cantigas, marcos de referência, delimitação das regiões, história dos nomes, sazonalidade da ocupação, o que é o quintal, há áreas comuns). Como é a casa (materiais e técnicas de confecção)? Quem construiu? Quem mora nela? Como ocorre a distribuição das casas e dos familiares no território? Se é proprietário ou posseiro. Há disputa de limites de terra?
5. Infraestrutura: casa (disposição de cômodos, banheiro, lavar roupa, louça), luz, fossa, cercas e muros, galinheiro, chiqueiro, baias.
6. Saúde (chá, emplastos, parto, benzeção, nascimento, morte)
7. Educação (relação entre adultos e crianças, intergerações): na roça, natureza, terra, plantio, caça, fogo, lua, escrita, leitura, músicas, jogos.

8. Religião: catecismo, promessas, festas, terços, cruzeiros, cemitério (antes e agora), leilões (o quê, tamanho social), sociabilidade e responsabilidades, apadrinhamento, rituais religiosos e relação com o lugar e outras pessoas.
9. Meio de transporte, distâncias percorridas: porque, como, frequência, quem. Núcleo urbano: distância da morada, condições do caminho a ser percorrido, meios de locomoção, frequência, motivos (trabalho, estudo, saúde, comércio, visitas a parentes e amigos, religião)?
10. Habilidades: amansar animal, polvilho, plantio, chapéu, garapa, mamona, macaúba, parteiras, construção de casa, construção de ferramentas, barro, madeira, guia turístico, culinária – queijo, cachaça, biscoito, doce – benzeção, parto, remédio.
11. Relação com animais: afetividade, usos, cuidados – saúde, alimentação, reprodução – trocas
12. Convivência: sociabilidade, trocas, visitas familiares, relação intergeracional
13. Trabalho e renda: arrendamento, parceria, assalariado, cooperativa, sindicato, turismo, comércio, aposentadoria, brigadista
14. Outros atores: ong, pesquisadores, turistas, parque, igreja, escola, forasteiros (gente de fora que comprou terras),
15. Relação com o parque: chegada do parque (quando, como, quem), multas, notificações e conversas de restrição do uso do território, indenização, emprego,
16. Desejos, esperanças, sonhos